

WLADIMIR OLIVIER

SEXTILHAS DE FÉ

ESPÍRITOS DIVERSOS

Saiba, Irmão, que estes versos
provieram da Espiritualidade.

ÍNDICE

1. Limites dos versos
2. Faça versos você também
3. Um pouco de História
4. Com Jesus
5. Exigência e compreensão
6. Recomendação do mentor
7. Arte nova
8. Persistência
9. Voz de socorrista
10. Poesia e miséria
11. Sério dever poético
12. Trabalho e prazer
13. Sofrimentos partilhados
14. Um ser nostálgico
15. A duas mãos
16. A poesia mediúnica
17. A vítima
18. Poeta-presidente
19. Perto do amor
20. Luva de pelica
21. Nova forma
22. Dramatização
23. As uvas verdes
24. Repetição e paciência
25. Estudar Kardec e viver Jesus
26. Necessidade das virtudes
27. Bom humor poético
28. Troglodita
29. Sentimento de inferioridade
30. Exortação
31. O fio da navalha
32. Versos sem futuro
33. De improviso
34. Humildade é preciso
35. Fé raciocinada
36. Estou atento
37. Contrastes
38. Metodologia poética
39. Daqui a mil anos
40. Modéstia

41. Trovas sofridas
42. Redenção
43. Versos de amor
44. Reencarnação é Justiça
45. Orar e servir

1

LIMITES DOS VERSOS

As dores que senti, quando bem velho,
Levaram-me a reler esse *Evangelho*,
Com que Jesus nos trouxe a salvação.
Mas tive muito amargo pensamento,
Por suspeitar gravíssimo o tormento
Que sofreria após a encarnação.

Levei dez anos, só, a meditar,
Porque meus passos iam devagar,
Nas sendas perenais do meu rancor.
Não acusava a Deus nem aos mortais,
Pois fora eu alguém a quem jamais
Passou pela cabeça o bem dispor.

Se fosse contar tudo o que passei,
Estando só ou junto à minha grei,
Na escuridão do bátratro infernal,
Iria atormentar o bom leitor,
Que fugiria d'arte de compor.
P'ra não sentir no verso todo o mal.

Um dia, alguém se chega ao meu ouvido
Oferecendo amor, e eu duvido
Que seja verdadeiro o compromisso.
Mas ao tentar fugir dessa influência,

Percebo que está lépida a consciência
E digo ao companheiro: — *Dê serviço!*

Quem já sofreu bastante, com proveito,
Há de escutar bater dentro do peito
Um coração amável, compreensivo;
Irá pedir ao anjo guardião
Que estenda o braço e pegue pela mão
Quem se afundou nos vícios, quando vivo.

Hoje a conversa chega de improviso,
Pois este verso é só um breve aviso,
Bom treinamento p'ro que vem depois.
Mas a verdade é líquida e é certa:
O nosso caro mestre mais aperta,
Quando a poesia é feita por nós dois.

Portanto, meu amigo, não se agite
E ponha tento às marcas do limite,
Que o médium deve ater-se ao escrever.
Não guardarei rancor se atrapalhar,
Porém, não cedo a vez, neste lugar,
Para cumprir os termos do dever.

Vou garantir-lhe que não tenho pressa,
Que estar aqui é bom, de fato, à beça
Embora o tempo voe, sem que perceba.
O sentimento nobre desta turma
Impede que o poeta sonhe ou durma,
Bem como esse escrevente coma ou beba.

Havemos de inventar bela poesia
Desenvolvendo tema que daria
Ao bom leitor motivos p'ra pensar.
Não vamos fazer versos, simplesmente,
Pois é corrente a ideia de que mente
Quem vem aqui somente versejar.

É claro que se estima a melhor glosa,
Fugindo ao ramerrão útil da prosa:
Poesia é sentimento em bela trova.
Por isso é que estes versos desprezamos.
Pois mostram verdes frutos nestes ramos:
Camões a revirar-se em sua cova.

É força de expressão, naturalmente,
P'ra demonstrar que sou mui coerente
Com o princípio básico da rima.
De resto, não me importa essa licença,
Se não prejudicar a *consequença*
Do emprego, na poética obra-prima.

Certo dia, um compadre se aproxima,
Pedindo emprego para sua prima
E esta lhe diz *não* logo, na cara.
O pobre pensa e pensa e desconcerta,
Mas acha uma resposta quase certa:
— A *consequença* cobra, prima, avara.

2

FAÇA VERSOS VOCÊ TAMBÉM

Talvez tivesse, um dia, a pretensão
De dar ao verso força de expressão,
Para rimar co'a marca do perfeito.
Mas desisti, que a arte exige amor,
Talentos, gênio, garra, ao se compor,
E uma atitude séria de respeito.

Brincar, às vezes, é também possível,
Desde que não se desça muito o nível
E se mantenha hígida a doutrina.
Para alegrar-se o povo, basta a rima
Que o nosso amor a Deus mais legitima:
A compreensão da lei que o Mestre ensina.

Estava, um dia, o Mestre a meditar
Sobre o progresso humano devagar
E viu que o seu ensino não valia,
Pois exigia a lei melhoramento,
Não raciocínio mau de quem vai lento,
Para escandir uns versos, sem poesia.

Assim me vi também, mau e perverso,
Porque levei a vida em triste verso,
Usufruindo os bens, em regalia.
O povo a trabalhar duro, no eito,

Este poltrão aqui só dando jeito
De estruturar a frase em harmonia.

Por isso, volto agora renovado,
Deixando a estrofe boba ali de lado,
No compromisso sério de ser bom,
A alegrar o povo, finalmente,
Pedindo que o trabalho se acrescente
À arte da poesia, neste tom.

Há muita gente que também queria
Vir registrar aqui a melodia
Que sente no universo, mas não vem,
Talvez por medo de perder o dom,
Ao transformar o amor em simples som,
Diminuindo a vibração do bem.

Eis a coragem que se deve ter,
Ao demonstrar à gente bem-querer,
Porque se corre o risco de falhar.
Ao transformar a sensação em verso,
O texto pode vir também imerso
Na negritude deste patamar.

Não regateie, irmão, ao progredir
E não coloque nunca, no porvir,
A melhoria que se quer agora.
Ponha atenção no que pediu Jesus,
Que a hora é esta de se ter mais luz,
Que aquela lei d'antanho inda vigora.

*— Mas eu não tenho jeito para o verso,
Pois sempre o texto há de sair perverso
E a rima tola, chocha, fútil, feia.
Ai, quem me dera inspiração, um dia,
Para compor um tema com poesia,
A dar mais alegria a quem o leia!*

Por isso, não, que o sentimento é válido:
Mesmo que o verso saia um tanto pálido,
Vai despertar virtude e propensão
A que o leitor se anime e persevere,
E suba, alegremente, ao belvedere,
Descortinando n'alma essa canção.

Para falar de amor, não é preciso
Esquadrinhar a causa do juízo,
Filosofando as teses da doutrina.
Trabalhe com denodo e com vontade,
Veja que o sofrimento não enfade
E faça o bem conforme a lei ensina.

Se agradecer a Deus a sua vida
E os tormentos todos dessa lida,
Como o caminho certo do progresso,
Vai ver que fazer verso é consequência,
Que a causa se situa na consciência,
Que é como desta vez eu me despeço.

Não meça o tempo mais pelos ponteiros,
P'ra não desapontar os companheiros
Que querem concluir a sua rima,
Talvez sem importância e sem virtude,
Mas, com certeza, achando que algo mude,
Se conseguirem demonstrar estima.

É bom chegar ao fim do meu assunto,
Trazendo o companheiro médium junto,
Agradecendo ao Pai esta alegria.
P'ra reforçar, porém, este bom clima,
Vou ter de concluir a minha rima,
Dizendo que segunda é um novo dia.

3

UM POUCO DE HISTÓRIA

Jesus, quando queria ouvir conselhos,
Não precisava pôr-se de joelhos:
Bastava concentrar-se, mesmo em pé.
Os pares seus, mentores do Universo,
A conversar com ele, em prosa e verso,
Incrementavam-lhe a esperança e a fé.

Mas que diziam lá, de altas esferas,
Que não soasse como vãs quimeras,
Para um espírito de força e luz?
Falavam de um porvir esplendoroso,
Do paraíso, do sublime gozo,
E da necessidade até da cruz.

Jesus sabia, sim, que o ser humano
Iria desprezá-lo, por engano,
Tendo a matéria a lhe servir de exemplo,
Pois tudo se desfaz em água ou pó,
E o que provoca dor ou gera dó
Explicava a Torá, ali no templo.

Um novo sentimento de bondade
Difícilmente a alma logo invade,
Se o clima da riqueza se adultera.

A tempestade até que é bem-vinda
Para arrasar os males, quando ainda
O coração humano é besta-fera.

Adão se vê expulso lá do Éden.
José vai para o Egito, pois não cedem
Os seus irmãos a parte que lhe cabe.
E o povo hebreu acaba escravizado,
Lembrando que o dilúvio foi mandado
Para punir o povo, e tudo acabe.

Depois, é com Moisés, lá no deserto,
Que o sofrimento impera muito perto
De destruir a raça por inteiro.
Quarenta anos de perversidade,
A ver se Deus ao bem se persuade,
Oferecendo boi, galo e carneiro.

E o povo nômade se faz descrente:
O velho deus caduca e a tribo sente
Que a dor jamais iria terminar.
Aí, dourado fazem um bezerro,
Para pedir o fim de seu desterro,
Que lhe cedesse terra para o lar.

Ao pressentir a perda da esperança,
Moisés a Deus um rogo se abalança
E codifica as leis nas Escrituras.
Assim Jesus se alegra, mas, de novo,
Em guerras e matanças o mau povo
Se perde, no fragor de simples juras.

Sodoma e mais Gomorra se incendeiam.
Os castigos na história se permeiam,
Acostumando a gente à força bruta.
Quando Jesus chegou, manso e cordato,
Só vendo o clero nele espalhafato,
Sabia de antemão qual era a luta.

Um dia, teve medo o nosso Mestre
De se envolver no mal, que o ser terrestre
Iria pôr de lado a sã doutrina,
E prometeu o Espírito-Verdade,
Para trazer de lema a caridade,
Quando voltasse a crise que malsina.

Jerusalém também foi destruída,
Posto o bom evangelho desse vida
A quem levasse o Cristo dentro d'alma.
E quando a sua Igreja se desfez,
Em tremenda inquietude e sordidez,
O Espiritismo veio trazer calma.

Século e meio após a boa nova,
Que a cada dia o Mestre nos comprova,
Com mensageiros de ordem superior,
Ficou mais fácil de saber que a lei
É sempre aquela de estimar a grei,
Como a si mesmo, e ao Pai, com mais amor.

4

COM JESUS

Quando Jesus esteve cá na Terra,
Por trinta anos vendo a nossa guerra,
Não se esqueceu do etéreo nem da dor;
Mas, por saber que os anjos trabalhavam
E os que sofriam bem se agasalhavam,
Mandava eflúvios só de puro amor.

De confiança era a relação
Entre o Mestre da vida e cada irmão,
Pois nas esferas tudo se atendia;
Mas diferente foi, depois, na Terra.
Quando Jesus deixou-nos, houve guerra:
O puro amor mandava e se perdia.

Assim aconteceu o tempo todo,
Que o homem pensa sempre ser engodo
O nobre ensino dessa lei do amor.
Ao ler os *Evangelhos*, fica tenso,
Mas, por não ver nas obras mais consenso,
Não põe na fé verdade de valor.

Alguém há de romper da guerra o vício,
Mostrando lá do etéreo o precipício
Em que se joga quem não tem coragem,
Pois, p'ra enfrentar a dura realidade,
O coração de amor se cobre e invade
A terra de ninguém dessa mensagem.

O despertar p'ra luz é peregrino:
Comove a ponto de cantar um hino
Quem nunca se dispôs a solfejar.
Contudo, p'ra chegar ao paraíso,
Há de entender que o bem será preciso,
Que a paz e o amor caminham devagar.

O Espiritismo toca na ferida,
Mostrando que o perdão promove a vida,
Conforme o Mestre ao Pai sempre rogou.
Que o sentimento n'alma se consuma,
Quando, no coração, ofensa alguma
Consiga reanimar o que acabou.

Se não amarmos já aos inimigos,
Havemos de enfrentar grandes perigos,
Em vidas sucessivas sempre más.
Devemos entender que somos pobres,
Embora cheia a burra desses cobres,
Porque a riqueza aqui amor não traz.

Um dia, ao acordar vivo, no etéreo,
Vai desejar o pobre, refrigério,
Que as lutas não terminam com a morte,
Mas, ao contrário, aqui mais recrudescem,
Que as vibrações iguais já favorecem,
P'ra que ninguém se valha só da sorte.

Não desejo exhibir a triste sina
De quem fugiu ao que Jesus ensina,
Já que as palavras morrem nos ouvidos.
Só vou dizer: — *Cuidado, caro amigo,*
Não vá lhe acontecer como comigo,
Que ouço ainda os sons dos estampidos.

Participei de guerras de conquista
E essa vontade n'alma mais se enquista,

Que o sangue tem sabor de mel na sopa.
Mas a derrota torna-se imanente,
Pois quem perdeu, no etéreo, está presente,
Querendo ter de volta a sua roupa.

Eu sei que há compromissos infelizes,
Que criam, no social, suas raízes
E justificam atos de terror;
Mas há, também, palavras sempiternas,
As quais jamais entraram nas casernas:
Perdão, paz, caridade, fé e amor.

Agradeçamos ao Senhor a vida,
Sabendo que ao amor sempre convida,
Se trouxermos Jesus no coração;
Partilhemos o pão de nossa mesa,
Mantenhamos do bem a vela acesa,
Recebamos em paz a cada irmão.

Assim se conta a história de Jesus,
Que outra seria, sem que houvesse a cruz,
Conforme o Espiritismo nos ensina.
O entendimento nasce em qualquer era,
Que a caridade caridade gera,
Para mudar o rumo desta sina.

Caso se pense que o poeta erra,
Por suspeitar que, um dia, acabe a guerra,
É claro o indício de que o irmão destoa
Da compreensão da lei do evoluir,
Que determina um ponto, no porvir,
Em que p'ros pés de Deus a alma voa.

5

EXIGÊNCIA E COMPREENSÃO

Em revoada, as almas vão, no etéreo,
Em busca de saber qual o mistério
Por detrás do infinito do Universo.
Por mais procurem, não encontram nada,
Que a mente humana sonha e arrecada,
E põe, com muito amor, em simples verso.

Se aqui chegarmos com o verso pronto
Havemos de aumentar um outro ponto,
No escorço da vitória sobre o mal,
Que a perfeição na vida é, simplesmente,
Fazer o bem, em paz, a toda a gente,
Dentro deste evangélico ideal.

Os contratempos devem ser dispostos
Como soldados fora de seus postos,
Que uma raspança põe de prontidão.
A lei do amor presume que a consciência
Mantenha liberdade e independência,
Para julgar e dar o seu perdão.

Sob o luar, depois de um longo dia,
Repousa o corpo, que já não confia
Nas reações comuns da mente exausta.

Por isso é que rogamos ao leitor
Que nos perdoe a arte de compor,
Se alguma rima parecer-lhe infausta.

Há rigidez, porém, de julgamento,
Necessidade atroz de ver que aumento
As penas, neste versejar perverso?
Então, meu filho, o verso só comprova
Que mereci levar tamanha sova,
Porque não quis, na rima, ser disperso.

Vamos, assim, julgar tal pensamento
E ver se alguma coisa nele invento,
Que não esteja no ***Evangelho*** escrito:
Eu falo do perdão e da esperança;
E a minha fé em Deus jamais se cansa;
E a caridade é o gesto mais bonito.

E tudo trago em rimas sonoras,
Para mostrar que o amor também tu gozas,
Conforme o Mestre disse e comprovou.
Se, de algum modo, ao verso falta luz,
Vamos pensar que à noite se reduz;
E que a dormir, cansado, também vou.

Não sejas, pois, assim, muito exigente,
Senão hás de voar, eternamente,
Em busca dos segredos da harmonia,
Querendo pôr nas lindes do Universo
O que se encontra aqui, em simples verso,
Ou noutra bem melhor que alguém faria.

Se Deus mandou que suas criaturas
Crescessem em bondade, sendo puras,
Por que desafiar a bela sina?
Vamos dar a Jesus atendimento,
Que a lei do amor será cento por cento
De tudo o que a doutrina nos ensina.

Se nós julgarmos ser muito custoso
Deixar desta matéria o rude gozo,
Para flunar, no etéreo, como anjos,
Erramos na doutrina e no conceito,
Pois só sofrer não rege esse direito,
Que violinos não anulam banjos.

O que não pode o homem é fazer
Com que os próximos percam o poder
De acrescentar uns pontos contra os vícios,
Pois quem promove a luta desatina,
Querendo ver apenas, nessa sina,
O bom tropeço, para os sacrifícios.

Jesus previu que o escândalo viria
Mas disse ser também patifaria
Da mente que viesse a provocá-lo.
Pedro negou o Mestre por três vezes,
Ações menores, nunca tão soezes,
Mas mesmo assim ouviu cantar o galo.

Quem emitir um simples comentário,
Querendo ser da lei do amor contrário,
Vai ter de ouvir a rima deste verso,
Que repetimos desde priscas eras,
Seja na Terra, seja nas esferas:
— *Ó caro amigo, estás muito perverso!*

Desfaze o cenho e vem brincar conosco,
Que é muito fácil desatar o enrosco,
Que o coração requer felicidade.
Em paz, a vida tem bem mais valia
E, se alcançarmos n'alma amor-poesia,
É certo que o meu verso, então, te agrade.

Façamos só de conta que falhamos,
Que não há frutos bons nos nossos ramos,

Que tudo o que escrevemos se perdeu.
Sobrou só esta trova desgraciosa,
Da qual o nosso povo ri e goza:
O que diria dela o Bom Judeu?

Diria que a virtude se conquista
E que uma rima até será benquista,
Se dita com amor, de coração.
Agradecer ao Pai será de lei,
Pois orientar, com graça, a nobre grei
São poucos cá do etéreo que virão.

Eu, hoje, trouxe versos, fartamente,
P'ra demonstrar que a rima é excelente
P'ra convencer o povo da verdade,
Deixando o médium parvo, ali de lado,
Com o desejo de apoiar travado
Pelo fenômeno-mediunidade.

Em hora e vinte, são dezoito estrofes;
Algumas muito boas, outras bofes,
Que a rapidez nos traz versos soezes.
A seleção escolhe as mais faceiras,
Talvez aquelas que tu mesmo queiras,
Para alegrar a vida, muitas vezes.

6

RECOMENDAÇÃO DO MENTOR

Aos poucos, nossos temas vão voando,
Como voam as aves, junto ao bando,
Enquanto as aulas são sempre melhores,
Que o povo, aqui, se entende às maravilhas,
Acumulando as trovas, em mil pilhas,
Para que tu, amigo, nos explores.

Um verso só seria muito pouco;
Milhões, hás de dizer: — *Coisa de louco,*
Pois não dá tempo até de uma leitura.
Mas que fazer se é nosso o compromisso
De burilar a obra. Pensa nisso
E aceita cá do etéreo esta estrutura.

Um canto alegre satisfaz a todos,
Pois muitos se cansaram desses lodos
Em que se veem, na vida, mergulhados.
Simple lembrança de tal dor machuca;
Não façás, pois, do verso uma arapuça,
Para prender os sonhos dos maus fados.

Vamos rezar que o Pai promova a paz,
Que a humanidade possa ser capaz
De progredir, na vida, o que planeja.
No entanto, fique esperto para a lida,
Porquanto, no evangelho, se convida
A enfrentar co' amor cada peleja.

Pedir ao Pai é coisa de somenos:
São sentimentos por demais amenos,
Numa oração que o Mestre nos legou.
Mas fazer versos, com a própria rima,
É isso que o pedido mais sublima;
Foi isso que o mentor recomendou.

Estou a repetir a tal lição,
Pois sei que os meus amigos ouvirão
O apelo, p'ra que a vida seja um brinco.
Concentração no amor é o que mais peço,
E caridade, p'ra obter sucesso,
Não num encarne, mas em outros cinco.

Dissemos que as poesias eram tantas
Mas, nem por isso, tu muito te espantas
E, agora, ficas mudo, com seis vidas.
O tempo que preenches, com os versos,
Não te permite atos mui perversos,
E eu sei que aqui do etéreo tu duvidas.

Cumpramos uma simples condição:
A de jamais dizer um rude *não*
Aos mandamentos claros do evangelho.
Se não quiserem dar ouvido a isso,
Qualquer coisa que diga, não atijo,
Pois a malícia é fato muito velho.

P'ra quem veio ditar versos alegres,
É esperar demais: que tu te integres
No tema da virtude peregrina,
Pois ser alegre assim, por estas plagas,
É desejar que o riso sempre tragas,
Antes que a nossa graça se defina.

É, na verdade, isso o que pretendo,
Pois quem é bom, aqui, acaba vendo

Que tudo se repete em harmonia,
Desde que a rima chegue com amor
E a caridade o bem venha dispor,
Para que tu não digas: — *Todavia...*

Não vejo com bons olhos o leitor?
Então me digas como vou compor,
Para que o verso tenha algum sentido.
Desejarias nuvens pelos céus;
Anjos flanando, em doces escarcéus?
Pode até ser, mas crer em mim? Duvido.

De qualquer forma peço a Jesus Cristo
Que este meu verso venha a ser benquisto,
Mesmo que o gajo aí não tenha jeito.
Atire a pedra quem não tenha medo
De me apontar em riste o justo dedo,
Pois, se tiver razão, o ralho aceito.

7

ARTE NOVA

Nós vamos conversar diretamente.
É como qualquer médium nos presente,
Assim que a vibração lhe chega perto.
P'ra dar passividade, basta amor,
Pois é segura a arte de compor,
Estando o coração em peito aberto.

Nem todos os humanos se permitem
A receber os fluidos que se emitem,
Pois desconhecem quem lhes traz notícias.
Têm medo que um perverso ser lhes diga,
A provocar apenas séria intriga,
Que é o demônio, a lhes furtar carícias.

É de brinquedo o verso desta tarde,
Ou é chama do inferno que mais arde,
Ao se falar de amor e de bondade?
Há tantos que somente pensam nisso,
Sem compreender o nosso compromisso
Com a doutrina, o bem e a caridade!

Allan Kardec, um dia, foi chamado,
Porém, se não tivesse duvidado,
Talvez seguisse em frente, sem se ater
A que as batidas tinham um sentido,

Como o mistério fora resolvido
Por quem não via nisso tal poder.

Já não se trata mais de simples frases,
Pois temos p'ra ofertar quadra de ases,
Em versos com sentido e com doutrina,
Quem duvidar agora compromete
O nosso médium, por pintar o sete,
A repetir o que Jesus ensina.

Desprestigiar o Espiritismo visa
A sustentar quem mais materializa,
Que a religião em dogmas viceja.
Junto de nós, existem sacerdotes
Que deram, no seu tempo, piparotes,
Oferecendo o céu numa bandeja.

Aqui chegando — oh!, grande surpresa! —,
Foram trazidos para junto à mesa,
Que repetissem cá o tal recado.
Despreparados para fazer versos,
De qualquer modo, viram, bem imersos
Na imantação, os médiuns, do outro lado.

É essa a sina de quem julga inúteis,
Toscas, maldosos, réprobos e fúteis,
Estes poemas em que pomos fé.
Não lamentamos, pois, a rejeição,
Pois bem sabemos que os irmãos irão
Provar, no etéreo, como a vida é.

Se o bom amigo aceita a pobre rima,
Pois a ruindade nossa, em paz, sublima,
Fazendo seus os sentimentos rudes,
Alegrará a turma que hoje vem
Para trazer do etéreo mais alguém
Com ganas de exaltar essas virtudes.

Por que falar a quem suspeita tanto
Da espiritualidade deste canto,
Havendo gente boa no pedaço?
Ocorre que este verso mais destoa,
Quando se sabe lúcida a pessoa,
Capaz de versejar, sem embaraço.

Vamos pensar que o Mestre lesse o verso:
Alguma coisa mais do que perverso
Iria colocar no fim da trova?
Mas essa sua ideia é muito feia!
Assim, é bom que o Mestre não nos leia,
Que a nossa arte ainda é muito nova.

Para que serve, então, este entrevero?
Tão só para aumentar o desespero
De quem peleja tanto aí na Terra?
De forma alguma eu quero que essa luta
Termine por dizer que a força bruta
É que toda a verdade em si encerra.

Mediunidade é a forma que se presta
Para mostrar que a lida aqui é festa,
Quando a poesia é feita e transmitida.
Assim as entidades se divertem,
Querendo que os amigos se despertem
Para a verdade etérea desta vida.

Complete o verso quem esteja certo
De não termos obrado no deserto,
Conforme até Jesus o fez, um dia.
Diga de coração: — *Sei com certeza*
Que o médium que chegar a esta mesa
Receberá do Pai grande alegria.

8

PERSISTÊNCIA

Avança a nossa tarde para o fim;
E o verso há de fazer-se, mesmo assim,
Pois nosso compromisso é muito sério.
Quem dera o nosso médium se atrevesse
A copiar um verso como esse,
Sem nele ver tão grande despautério!

Vamos deixar que o som nos impressione,
Como se dito fosse ao telefone,
Estando longe a voz do nosso amigo.
É como se, em quimérica conversa,
Alguém falasse inglês e o outro persa;
É o mesmo se falasse só consigo.

Preste atenção, portanto, nas palavras,
Pois logo surgirão diversas lavras,
A comprovar que o tema vem do etéreo.
Esteja, mesmo, o verso bem composto,
Ou seja diferente do seu gosto,
P'ra nós há de ser sempre refrigerio.

Por que não nos cansamos de informar
Que a tal poesia vem deste lugar,

Sem medo de ofender o caro médium?
É que a virtude que nós mais prezamos
Não é colhida nestes belos ramos,
Por mais seja intensivo o nosso assédio.

Os encarnados querem sempre mais
Destes que julgam seres imortais,
Acreditando a trova uma arte pura.
Mas, quando veem que o verso esconde bem
Todo o trabalho que a escansão retém,
Deixam de lado o esforço da procura.

Todo trabalho feito com amor.
Como esta rima que já vou dispor,
Exige sacrifício da pessoa.
O nosso médium sabe que este verso
Vem de uma outra esfera do Universo,
Porém, trabalha firme e não destoa.

Mais tarde, irá reler o que escreveu,
P'ra perceber algum engano seu
E corrigir a tempo, por ter medo
De que possa mostrar que a turma nossa
Tenha a casca moral perversa e grossa,
Sabendo que o leitor acorda cedo.

Mas não têm importância certos erros,
Que não vão redundar em vis desterros,
Se, acaso, alguma vírgula nos falte,
Pois há de ser amigo quem nos leia,
A relevar a rima, quando feia:
Queremos, sim, que o tema nos exalte.

Perseverança, junto a esta mesa,
Irá mostrar, sem dúvida, a certeza
De que o leitor porá tento no verso.
Se fracassarmos num, faremos dois;
O tempo há de estender-se mais depois,

Para provar que o bem é incontroverso.

Quando Jesus chamou os seus alunos,
Sabia bem que estavam tão jejunos
Quanto se pode estar aqui na Terra.
Mas insistiu, que o tópico da lei
É transformar o mundo em uma grei,
Para se amar co' o mesmo ardor da guerra.

Se o caro Mestre agiu com tanta garra,
O pobre verso nosso mais esbarra
Nas deficiências rudes do intelecto.
Se Jesus Cristo esteve aqui três anos,
Querendo desfazer os desenganos,
Cem anos vai durar nosso projecto.

Por que cem anos, pois não chegam trinta,
P'ra que o encarnado venha a ler e sinta
Que está na hora de acabar o mal?
Com tanto verso, o povo há de entender
Que quem verseja faz mais que o dever,
Julgando tudo isto natural.

Desprendimento, paz, amor, verdade,
A ver se algum leitor se persuade
De que fazer o bem é o principal.
Há de o jovem crescer e ficar velho,
Que vamos repetir este evangelho,
Com os preceitos todos da moral.

E alguém há de dizer que é muito pouco,
Pois há quem faça até ouvido mouco,
Estando do outro lado do mistério.
Aí, a cantilena modifica:
No etéreo, a rima pobre se vê rica,
Que o Senhor no-las dá por refrigério.

9

VOZ DE SOCORRISTA

Não queira o caro médium ser *marrudo*
E aceite, por favor, o conteúdo,
Porque é bom o tema que transmito.
Após quinze mil versos, eu garanto
Que há de se extrair um belo canto,
Bem diferente deste rude grito.

Quando Jesus pediu aos seus amigos
Que se livrassem dos bordões antigos,
Olho por olho... ou outro desse tipo,
A repetir a lei do amor mais nobre,
Que serviria ao rico como ao pobre,
Talvez pensasse assim: — *Eu me antecipo...*

Mesmo falando com suavidade,
É pouca a gente que se persuade,
Pois mais queriam era ver sinais.
Ainda hoje, o povo desconfia
E não aceita, ao menos, a poesia
Que trata a todos como muito iguais.

Quem, na matéria, se acha apaniguado
Há de dizer, confiante: — *Eu não me agrado*

Quando me acusam de algo que não fiz.
Como essa força não está com todos,
Vou relevando n'alma os vis apodos,
Buscando achar do bem sua raiz.

Quando sabemos que, na vida, tudo
Deve manter o amor por conteúdo,
Ficamos sem bom ânimo, perdidos,
Ao vermos tanta gente deprimida,
Às voltas com um ódio sem saída,
Por causa da maldade dos bandidos.

Aí, alguém nos diz que o amor é luz,
Lembrando os mandamentos de Jesus,
Por conta dos rancores que nos cegam.
Iremos aceitar que a salvação
Está na caridade e no perdão?
Jamais, que tais palavras os maus pregam.

É grande a onda desse pessimismo,
Que tende a aumentar nosso egoísmo,
Porque não confiamos mais no irmão.
Tantas verdades ficam esquecidas,
Numa sequência tola dessas vidas,
Que não se sabe já os bons quem são.

Louvamos como heróis alguns bandidos,
Que se encontram no etéreo, arrependidos
Por causa dos exemplos que legaram.
O que fizeram eles de mais sério?
Mandaram muita gente ao cemitério,
Em guerras de extermínio que engendraram.

Isso acontece hoje, em toda a parte.
Existe até quem não entenda a arte,
Pois socorrer é próprio desta esfera.
Mas pregação também será preciso,
Mesmo que não se evite o prejuízo

De quem se não quer dar a essa espera.

Falamos muito mas fazemos pouco,
Assim há de entender, coisa de louco,
O versejar inglório desta rima.
Há quem suspeite que este ser vacile,
Que não se importa que se deite a bile,
Que o seu trabalho aqui o mal sublima.

Estamos declarando que a virtude
Talvez o panorama disso mude,
Pois a consciência rege n'alma a fé.
Quem suspeitar que estamos mais blefando
Há de pensar: — *Meu Deus, mas até quando
Vem esse gajo nos dizer quem é?!*

Eu digo mesmo e aceito o desafio
De que me mostrem que não tenho brio,
Por versejar enquanto o povo sofre.
Se esta semente aqui venho plantar,
É que suspeito seja devagar
Que vai se encher de amor do amigo o cofre.

Caso não tenha dado o meu recado,
Então, eu deixo um verso mutilado,
Para você rimar com sua luz:
Quem desejou salvar a toda a gente,
Falando com amor, suavemente,
Mas foi crucificado? — *Foi...*

Do mesmo modo que se sabe a rima,
Também se sabe prevenir o clima,
E, assim, Jesus mostrou-lhes a malícia.
O que lhes digo está nesse evangelho,
Que muita gente diz p'ra lá de velho,
A demonstrar os males da estultícia.

Vamos ser francos com o Pai do céu.

Se nós gostamos cá deste escarcéu,
Não vamos reclamar da escuridão,
Pois quem, no mundo, faz, desfaz e erra,
A rejeitar a paz, querendo a guerra,
Não pode pleitear, depois, perdão.

Jesus, coitado, do alto do madeiro,
Podia ali rogar: — *Meu Pai, requeiro*
Que deis perdão ao povo ignorante.
Podia requerer, pois era puro,
Mas quem é vil, falaz, mau e perjuro,
Precisa ler ***O Inferno*** que fez Dante.

Estou a repetir tão só uns temas,
Antes que cheguem as lições supremas,
Que a morte há de igualar e não os versos.
Assim, vão reclamar bem mais depois,
Dizendo ao Senhor: — *Ó Pai, quem sois,*
Que tendes tal poder sobre os perversos?!

Estando o amigo, lá no fundo, aos gritos,
Vai declamar meus versos mais bonitos,
Dizendo que já fiz o que devia:
— *Vem socorrer-me, agora, por favor!*
Demonstra ao Pai que tens por mim amor!
Compreenderá, enfim, esta poesia.

10

POESIA E MISÉRIA

Eu não serei aqui sua consciência;
Apenas conselheiro, sem futuro.
Se vocês acertarem, asseguro
Que nada irão dever pela assistência.

Que pensamento existe muito impuro,
Para levar o homem à falência?
Ninguém há de obrigar à obediência,
Nem que se desça logo desse muro.

Responsabilidade do dever
Nos vai gerar, na prática, o prazer
De ver o crescimento da virtude.

Se o nosso bom amigo desconfia
De que se vai perder pela poesia,
Escreva logo um verso e isso mude.

O companheiro que tiver coragem
Para empreender, na vida, essa viagem,
Desafiando a rima de improviso,
Não comprometa o objetivo d'ouro,

Ao fazer verso que lhe dê desdouro,
Mas mostre, apenas, que tem bom juízo.

Caso chegar, agora, à conclusão
De que o meu verso manque de emoção,
Exagerando o clima da malícia,
Espere um pouco até chegar ao fim,
Pois falarei, perverso, mal de mim,
Já que esta minha trova é só sevícia.

O meu roteiro está comprometido,
Mas, se eu falhar, ninguém irá, duvido,
Acusar-me de péssima intenção.
É que estes versos soam tão formosos,
A refletir na alma doces gozos,
Que sentimentos bons provocarão.

Caso não seja sempre compreendido,
Ao menos, fique claro que eu convido
Para que o povo ore com fervor.
Nada é mais belo do que ouvir Jesus,
Em suave oração, cheia de luz,
Oferecendo ao Pai seu doce amor.

A Pátria desfilou hoje na rua,
Mas houve quem só visse falcatrúia
No sentimento nobre do soldado.
São muito poucos os que têm batismo
Nos bálsamos sutis do patriotismo,
Pois a miséria grassa em todo lado.

Do mesmo modo, a fome não perdoa
Quem venha desfilar versos na boa,
A tremular a lei do espiritismo.
Quem, na matéria, vive só de esmolas
Não há de encher de rimas as sacolas,
Estando a multidão perto do abismo.

Jesus sorria pouco, é bem verdade,
Talvez por ver tão fraca a caridade,
Pois *rico* e *paraíso* não rimavam.
A quem lhe perguntou o que fazer,
Jesus mostrou o rumo do dever:
— *São as riquezas que o progresso entravam.*

Eu sinto muito se o que disse choca,
Principalmente, se você invoca
O seu trabalho junto a quem precisa.
Releve, então, o verso tão sem jeito;
Faça por mim o bem que haja feito,
Pois a virtude o mal não ajuíza.

Fazer o bem mas sem olhar a quem
Há de incluir o rico, que não tem
Discernimento p'ra saber que sofre,
Pois a consciência, que mostrei acima,
Quando percebe o mal, jamais sublima
E abre ao mundo as portas do seu cofre.

Percebam bem o ponto que lhes trago,
Para sentir-me, assim, feliz e pago,
Que sempre um preço existe na poesia.
Não pelo verso falho ou pela rima,
Mas pelo gesto que demonstra estima,
Pois sofre o pobre aqui, sem harmonia.

11

SÉRIO DEVER POÉTICO

O trapezista sobe lá no alto
E, já no espaço, dá um grande salto,
Causando ao povo espanto e maravilha.
Quando a palavra tem algum sentido,
A ir comigo, sem temor, convido:
É para o amor que leva a minha trilha.

Não causa medo a trova em desafio:
Exige d'alma um pouco só de brio,
Para enfrentar a dor, com muita garra.
Fica comigo, ó tu que não tens paz
E sente o bem que o verso sempre traz,
Quando se sabe o quanto o vício barra.

O verso que componho não fascina.
Até me conformei co'a triste sina
E trago o coração esperançado.
Um dia, hei de fazer um verso alegre,
Querendo que o amigo a ele se integre:
Estima-te, portanto, convidado.

Se tens um compromisso mais urgente,
Consulta o coração de tua gente
E vê se podes vir um pouco mais.

Garanto que os parceiros vão dizer
Que os versos são prazer e são dever,
Pois fazem que se sintam como iguais.

Não sei se convenci o bom leitor,
Se fui causa somente de pavor,
Que a vida cá no etéreo é mui severa.
No entanto, eu não vejo qual saída
Dará mais alegria a essa vida
Do que saber de nós o que se espera.

Vontade não nos falta de ajudar
E o mestre recomenda: — *Devagar,*
Que o povo há de vencer todo seu medo!
Assim, se eu te deixar muito apreensivo,
É que com gente rápida convivo,
Que quer um verso bom, não arremedo.

A turma enfrenta, pois, grande perigo,
Deixando este poema aqui comigo,
Pois quero deixar tudo em prato limpo.
Atendo os tais conselhos da consciência,
Porque não se compreende que a obediência
Esteja aqui na Terra e não no Olimpo.

O mote logo acima se inclinou
A dar ideia minha, como sou:
Precípitem na rima e no improvisado.
Não é o que te digo no meu verso;
Assim, se isto que faço é mui perverso,
Seguindo-se a lição, é bom aviso.

Conselhos, quase sempre, não dão certo,
Porém, me dão trabalho, quando acerto
A rima mais propícia p'ra escansão.
Ouvi um bom amigo a me dizer
Que o verso era um dever e um prazer;
Aviso que eu transfiro para o irmão.

Quem veio até aqui, junto comigo,
Por certo, sabe bem que está ao abrigo
Das crises conscienciais inoportunas,
Porque eu afirmei, com segurança,
Que a vida com Jesus também se alcança,
Caso nobres virtudes tu reúnas.

12

TRABALHO E PRAZER

Faze de conta que este verso existe
Tão só para deixar-te muito triste,
Porque não és capaz de copiá-lo.
É como o santo que se vê na igreja,
Que me sugere que no Céu esteja,
Perante o qual eu me envergonho e calo.

Quem se sentir mui pobre dentro d'alma
Há de rogar ao Pai com fé, que acalma
O seu desejo intenso de progresso.
Se a alta escada sobe ao infinito,
Querer chegar ao topo, enquanto aflito,
É estar fadado, sim, ao insucesso.

É passo a passo que se vai adiante,
Sendo o primeiro dar ao semelhante
O mesmo amor que a gente dá p'ra si.
Aí, na Terra, esparramei rancor,
Mas, cá no etéreo, tenho de compor
Outra canção e não a que vivi.

A penitência é dura e é gostosa:
Enquanto se compõe a tosca glosa,

A turma sua sangue em cada rima.
Mas, ao chegar ao fim, deste poema,
A gente quer sentir a dor suprema,
Para sentir também a tua estima.

— *Poeta, por que sofres tanto agora,
Se sabes qual a lei que aí vigora,
Para levar-te ao Pai, sem atropelo?*
É que essa lei exige permanente
Estudo e que o trabalho dê à gente
Claríssima noção para fazê-lo.

O mestre é responsável pelo aluno
E diz a ele ser inoportuno
Fugir da prática do bem agora.
O aluno, malicioso, quer saber
Em que momento irá espairecer,
E o mestre lhe responde: — *À mesma hora.*

Não é difícil pressupor que, um dia,
Iremos decifrar esta poesia,
Para que se descubra a realidade.
Assim, na vida, tudo é compromisso,
Seja o bom poetar, seja o serviço
Que se presta ao irmão, caso se agrade.

Menosprezar a hora em que viceja
A inspiração, por pobre quanto seja,
É o mesmo que falhar na pontaria.
Se a nossa meta é vir fazer um verso,
Por que ficar em sombras muito imerso.
A refulgir o Sol, em alegria?!

Façamos o melhor que for possível,
De modo a refletir o nosso nível,
Na busca do evangelho de Jesus.
Um titubeio aqui logo se cura,
Pois não só no deserto é que há secura.

E, mesmo havendo, há um resplendor de luz.

É sempre grato vir dizer ao povo
Que a graça do Senhor temos de novo,
Pois é eterno o seu amor por nós.
O povo simples sabe bem que é isso
Que me mantém atento ao compromisso
E silencia, p'ra me ouvir a voz.

Sou responsável, pois, por esta trova,
O que, de resto, a rima bem comprova,
Pois desempenho com amor à lida.
Da mesma forma, o verso que contemplo
Também o meu labor sirvam de exemplo,
A incentivar a luta pela vida.

Esta é a medida com que dou meu passo.
Estou contente e o meu amigo abraço,
Para firmar a fé em teu futuro.
Do mesmo modo que me leste agora,
Confrange o coração, medita e ora,
Que o Pai há de fazer-te bem mais puro.

Caso prossigas com desconfiança,
Por teres casos tristes na lembrança,
Imita o pensamento de Jesus.
Verás que a tua sina é tão pequena
Que há de parecer simples, amena,
Perante o sofrimento lá da cruz.

Eu sei que queres te encontrar comigo,
Porquanto, em alguns pontos, eu te intrigo,
Às vezes a sorrir, outras, bradando.
É que os meus versos têm todas as rimas,
Assim como, na Terra, existem climas
Nos quais o vento sopra, forte ou brando.

A estrela que me guia, neste ensejo,

A pairar, lá no alto, esconde o pejo,
Ao perceber que o orgulho me domina.
E manda me dizer que é mais perverso
Quem é muito raposa, neste verso,
Colhendo o fruto verde da doutrina.

Por isso, eu me despeço, envergonhado,
E rogo que me deixem deste lado,
A meditar sobre a malícia minha.
E mais eu vou pedir a todo o mundo:
Que olhem bem na alma, lá no fundo,
A ver se alguma dúvida se aninha.

13

SOFRIMENTOS PARTILHADOS

As dúvidas que trago no meu peito
Não devem perturbar o bom leitor,
Pois tudo o que vier aqui compor
Deve ter a chancela clara: *Aceito*.

É preciso atender ao instrutor
E demonstrar, para esta rima, jeito;
E não sair jamais insatisfeito,
Tudo fazendo alegre e com amor.

Por isso, eu preferi o bom soneto,
Para dar forma rápida ao meu tema,
Pois não consigo calcular sexteto.

Aqui, o meu melhor estratagema
É comprovar que logo eu me arremeto,
A dar uma forcinha p'ra quem rema.

Se estivermos, um dia, preparado,
Para vir demonstrar o nosso agrado,
Pelo efeito do verso no leitor,

Iremos reagir em harmonia,
Para dar do melhor, nesta poesia,
Que hoje está a causar grave estupor.

Provado pela norma de Jesus,
Que sentimento ótimo produz
A quem se compenetra do dever,
Viremos para o estímulo do amor,
Enovelado, embora, nesta dor,
Que a trova não traduz, por bem-querer.

Aceita, bom amigo, o nosso verso
E faze o coração ficar imerso
Em sentimentos puros, virtuosos.
Não há autor que fique só de longe,
Guardado no mosteiro, feito monge:
Queremos cá sentir os mesmos gozos.

A gente que mantém a alma pura
E que, para o autor, bem assegura
Estar interessada nos poemas,
Consegue usufruir todo o carinho
Que sai de nossa mente em desalinho,
Porém, co'as vibrações de amor supremas.

É importante assim esta leitura?
Talvez não seja tanto mas nos cura
A dor de um compromisso inacabado.
Se o verso sai da alma com ardor,
Requer um sentimento do leitor
Simpático ou, ao menos, com agrado.

O duro é vir trazer esta lição
Sabendo ser mui pobre, de antemão,
Contudo, necessária e oportuna.
Senão vão desprezar esta poesia,
Pensando que um qualquer melhor faria,
Ao transformar o médium em tribuna.

Quisera estar mais ágil no pensar,
Conquanto cá viesse devagar,
Para dispor os versos no poema.
O tema não vai dar para obra-prima,
Contudo, a caridade encontra rima
Na cordialidade do meu tema.

Pedir perdão é pouco, nesta hora,
Que o verso o sentimento muito explora,
Querendo que o meu povo se apiade.
Mas, se o poema for incinerado,
Como saber se não será do agrado
De quem age por bem e caridade?

Nós vamos ficar só mais um pouquinho,
Pois cada verso bronco é um espinho
Que sai de nossa carne magoada.
Talvez perturbe a gente que nos leia,
Por ser a dura rima, pobre e feia,
Contudo, quem compôs já não se enfada.

Percebes, bom leitor, toda a importância
Que tem, para este autor, essa constância
Com que te comprometes com as trovas?
Os versos não se escrevem para a gente,
Mas para demonstrar que a turma sente
O mesmo amor que tu também comprovavas.

Eu falo pela equipe que se agrupa.
No formigueiro, eu sou somente a pupa
Que estremeceu e quis participar.
Eu vou agradecer e vou-me embora,
Deixando o meu abraço a quem demora
A pôr de volta o livro no lugar.

14

UM SER NOSTÁLGICO

Agora, vou dizer-lhes o que penso,
Ao ver ao longe triste e brando lenço,
Separação na vida e pela morte.
É que a saudade está por toda a parte,
A ponto de impedir-me até a arte,
Impondo ao verso fundo e rude corte.

Ao se acenar o lenço, existe o pranto,
Que há de molhar o linho, em triste canto,
Enquanto n'alma fica a dor e o luto.
Mas quem confia em Deus há de saber
Que tem o amor a força e o poder
De não tornar o liame dissoluto.

O que se unir por Deus será eterno,
Que a eternidade tem por fim o bem.
Por isso, quem separa fica sem,
Sofrendo as dores todas desse inferno.

Um dia, o reencontro que se tem
Nos há de parecer gentil e terno,

Que o sofrimento é rude como o inverno
Sem agasalho e sem amor também.

Felicidade é bem que se conquista,
Conquanto, hoje, a gente é tão malquista
Que o ódio nos parece natural.

Aos poucos, a entender nos persuade
O sentimento nobre da saudade,
Que nos põe de costas para o mal.

Antigamente, eu não punha tento
E deixava as pessoas se afastarem,
Pensando que, no etéreo, a vagarem,
Iriam encontrar um novo alento.

Mas precisei saber que, ao brigarem,
Os seres não têm bom discernimento,
Pois deixam de cumprir o mandamento
Que determina a todos de se amarem.

Eu tive de ir atrás dos desafetos,
Para torná-los bons e, mais, seletos,
Constituindo elos de amizade,

Porque não subiria até o Céu,
Se não rompesse, de uma vez, o véu
Desse egoísmo que minh'alma invade.

O ser nostálgico não tem medida
E traz a dor, durante toda a vida,
Pensando apenas na separação.
Se confiasse mais em Jesus Cristo
E se tivesse o Criador benquisto,

Houvera de esperar paz e união.

Às vezes, me pergunto se é possível
Chegar a compreender qual seja o nível
Em que o amor se faz universal.
Pois tudo o que eu encontro cá na Terra
Me leva a refletir que existe a guerra
Só porque o homem tende para o mal.

Eu tento desfazer tal impressão,
Ao aplicar a lei do amor-perdão,
Como pediu Jesus, lá no madeiro;
Mas, em minh'alma, sinto o prejuízo
De só clamar ao Pai quanto eu preciso,
Sem ver que sofre o povo quase inteiro.

Se todos só pensarem como eu,
Não haverá um crente, só ateu,
Pois deixo a lei de Deus abandonada;
E, quando volto a meditar nos crimes,
Esqueço-me dos atos mais sublimes
E, no futuro, vejo apenas nada...

O pessimismo rui porque se cansa.
Em seu lugar, ressurgue alta esperança,
No coração que crê no amor perene;
E não existe ódio que sustente
A alma em tristeza permanente,
Porque da dor não há de estar indene.

Eu peço a Deus que me desperte o siso
E que não diga mais que eu só preciso,
Mas me entusiasme a alma no trabalho;
Que este meu verso tenha um certo brilho,
Se não no todo, ao menos no estribilho,
Para mostrar do Reino o doce atalho.

Não quero ter saudade do futuro,

Pois, ao pensar no bem, fico seguro
De que, um dia destes, eu lá chego.
Vou trabalhar em prol do meu irmão,
Por ter certeza de que dão a mão
Os que no Alto têm seu aconchego.

Ninguém há de romper essa cadeia,
Sem entender que algum irmão pranteia
Triste separação, por tempo incerto.
Assim, que este meu verso-compromisso
Possa prestar à gente bom serviço,
Mostrando que Jesus está bem perto.

Não erga o lenço mas trabalhe firme;
E não lamente, por ser hora de ir-me,
Mas prometendo estar sempre presente,
Pois eu deixei a marca, nesta rima,
De que o irmão não perde minha estima,
Por estar longe, temporariamente.

15

A DUAS MÃOS

Estranhos pensamentos que perpassam
Pela mente nutriz do caro amigo
Ganham formas, aos poucos, se comigo
Vier saber como é que os sons se espaçam.

Eu vou formando os versos que consigo,
Esperando que alguns por si se façam.
Muitos, pelo improvisado, se rechaçam,
Que a falta de sentido é um perigo.

No fim, resta o consolo de se ter
Uma poesia feita a duas mãos,
Pois ambos vêm cumprir o seu dever.

Aí, nós nos chamamos por irmãos
E aumentamos o nosso bem-querer,
P'ra confirmar que os sonhos não são vãos.

Não vamos perturbar quem sofre tanto,
Ouvindo repetir o mesmo canto,
Dia após dia, junto a esta mesa.
Mas precisamos dar um jeito nisso,

Para cumprir o forte compromisso
De adquirir do bem pura certeza.

Como fazer sem lhe ditar os versos,
Rezando p'ra não serem tão perversos,
De molde a dar prazer em harmonia?!
Assim, aguente um pouco mais na lida,
Sabendo, de antemão, qual a saída,
Enquanto a rima certa não se cria.

A tal saída é ter mais paciência,
Conhecimento prático, ciência
E abertura correta para a mente.
Vai tilintar o verso como um sino
Cujo repique tem um só destino:
Despertar para o amor que está dormente.

Aí, em borbotões, todas as rimas
Comovem corações, geram estimas
E os versos vigorosos dão prazer.
Kardec irá trazer sua doutrina;
Jesus a lei do amor, de novo, ensina
E a trova, enfim, alcança o seu poder.

Como é possível ser tão devotado,
Quando se fica posto ali de lado,
Somente a repetir o que se ouviu?
Perseverança alia o alto dom
De conservar alegre a alma com
A fé de que o dever já se cumpriu.

Desconfiado, o médium mais se encolhe,
Porque a nossa rima não escolhe
E tem de registrar inconsistências.
Ao dar de ombros, pensa lá consigo
Que quem se arrisca a enfrentar perigo
Há de saber quais são as conseqüências.

E bate as teclas, sem perversidade,
Ao ver que a sua praia a turma invade,
Gerando estrofes sem qualquer pudor,
Deixando sempre um rastro de perfume,
Que é como o sentimento se resume,
Quando fica no ar o nosso amor.

Ao perceber que a rima se enobrece,
Oferece ao Senhor a sua prece,
Agradecido pela distinção.
E pede mais ao povo que o distingue,
Para que o verso não feneça ou míngue,
Dando ao que lê do Reino a direção.

Nós traduzimos, sim, o sentimento
Que os nossos médiuns têm, neste momento
Em que lhes transmitimos a poesia.
Mas o prazer que têm surge depois,
Já que o trabalho, quando feito a dois,
Coloca esse encarnado numa *fria*.

E mais ainda quando nós falamos
Que eles são, tão simplesmente, os ramos
Dos quais colhemos frutos sazonados.
Os coitadinhos não conseguem dar
Um único suspiro devagar,
Pois, em seguida, são solicitados.

E são capazes de ficar contentes,
Apenas por lhes darmos uns presentes
Em forma de trabalhos e de dores,
Pois versejar debaixo de chibata,
De forma séria ou pobre e caricata,
Vai parecer-lhes nobres resplendores.

Resta saber de quem nos leu somente
Se o mesmo sentimento está presente,
Pela oferta de paz deste poema,

Ou se despreza tudo por pequeno,
Querendo o amor universal e pleno
Do gênio que verseja sem problema.

Não vou incentivar o compromisso
De me prestar o amigo bom serviço,
Pondo-se aberto para a rima etérea.
A nós nos basta a prece comovida
Que há de rezar, contrito, na saída,
Depois de perceber que a trova é séria.

O médium há de dar-me o seu perdão,
Porquanto já me deu a sua mão,
Para marcar os versos da poesia.
O dia reservou-se p'ra oficina,
Mas não ficou de lado a sã doutrina,
Que de outra forma o *mestre* não faria.

16

A POESIA MEDIÚNICA

Estávamos contentes com a trova,
Mas, ao chegar a hora da desova,
Tudo ficou mui feio e sem sentido.
O médium quis arreliar comigo.
A tudo o que eu falava, ele: — *Perigo!*
Se eu escrever errado, estou perdido!

Assim, elaborei trinta mil versos,
Mas todos ele achava tão perversos
Que nunca um só tomou de mim, coitado!
Ao retornar ao posto, cá no etéreo,
Julgava o desempenho mais que sério:
Queria ser do Cristo bom soldado.

O médium corre o risco verdadeiro,
Ao apanhar ditado feiticeiro
Que leve a duvidar da sã doutrina.
Porém, se queima a página do vício,
O tempo só sofreu o desperdício
E não o seu futuro em útil sina.

Mas, se o ditado nunca foi escrito,
Como saber se o tema é maldito:
Na presunção de que se sabe tudo?

O nosso amigo aqui chegou vaidoso
E quis entrar em inefável gozo,
Sem ter a forma nem o conteúdo.

Pedi-lhe o mestre que mostrasse a rima
E lhe falou: — *O mal não se sublima,
Se o sentimento não for atiçado.
Corresse o risco de perder a trova,
Mas permitisse colocar-se à prova,
Que o mau momento sempre é superado.*

Bem faz o médium que acha sempre pouco,
Passando até por bobo ou por louco,
Mas registrando a rima que lhe inspira.
Às vezes, o ditado não combina
Com certas diretrizes da doutrina.
O que faz ele, então? Queima e suspira.

Mas, quando a rima nasce grandiosa,
O bom amigo se relaxa e goza
O doce anseio da publicação.
Aí, mais gente irá tomar contato
Com uma trova boa, ali, de fato,
Enchendo-se-lhe a vida de emoção.

Ao aportar de volta, cá no etéreo,
Também há de pensar ter sido sério
O seu trabalho em mesa mediúnica.
E, quando o mestre lhe pedir as rimas,
Irá mostrar, em pilhas, as estimas,
Tornando alvinitente a sua túnica.

Quem sabe, um dia, a turma que verseja
Consiga que mais gente aqui esteja,
A apanhar a rima que transmite,
Sem que o encarnado fique temeroso
De se encontrar nas mãos de alguém maldoso,
Sabendo da doutrina o são limite.

Uma pergunta temos de fazer,
Obrigação inata do dever:
— *Gostou o amigo desta explicação?*
Ou julgaria ser muito mais útil
Não perder tempo com assunto fútil,
Desenvolvendo as leis da salvação?

O pensamento sofre, nesta hora,
Por não saber o amigo o que vigora
Durante o tempo em que se faz a rima.
E desconfia seja brincadeira
Estipular que o autor venha e requeira
Opinião formada em rude clima.

Então, não diga nada, pense apenas
Que nós vamos supor serem amenas
As críticas que faz ao nosso verso.
De qualquer modo, o jeito é esperar,
Pois tudo, cá no mundo, é devagar,
Até quando no amor se está imerso.

Vamos dizer, então, que é com cuidado
Que deixamos aqui bem declarado
Que cabe ao médium respeitar a jura.
Seja excelente a rima que recebe,
Não há de construir de espinhos sebe,
P'ra proteger a mesa da impostura.

Se Jesus Cristo entrou em toda casa,
Por que iremos nós cortar a asa
De quem deseja muito poetar?
Vamos dar ao poeta a nossa mão,
Tratando dele como um nobre irmão,
Que, assim, Jesus, também nos vai tratar.

17

A VÍTIMA

Ao Pai do Céu mandamos nosso grito,
Quando sentimos n'alma mais aflito
O túrbido desejo da vingança.
O coração da gente, em descompasso,
Envia vibrações por todo o espaço,
Pois esse sentimento não se cansa.

É triste compreender que somos fracos,
Que os olhos não enxergam, por opacos,
As leis de Deus, em toda a eternidade.
Queremos que haja o bem pelo Universo
Mas nosso pensamento é mais perverso,
Se a fúria da desforra a alma invade.

Peregrinei pelo evangelho inteiro
E, ainda assim, um grande mal requeiro
P'ra quem não soube respeitar-me a vida.
Levei três tiros, em funesto crime,
E quer Jesus que o desafeto estime,
Ao me dizer não existir saída.

— *Que vais fazer, ó alma inconsolável?
Tornar, talvez, o débito insolvável,*

*Prejudicando o reles assassino?
De que te vale o claro estudo agora,
Se para ti a lei do mal vigora,
P'ra completar a força do destino?*

*— Irás sofrer, enquanto não te aquietes,
Pois, neste jogo, reis, damas, valetes
Hão de valer igual a simples ás.
Queres ter a razão sempre ao teu lado,
Por te sentires mais prejudicado,
E pagas para ver, com tua paz.*

Caso acerte a consciência o prognóstico,
Irei tornar o verso mau, pernóstico,
Que o tema da maldade não tem fim.
Caso dê muita corda ao sentimento,
Aí, verei que o ódio mais aumento
E tornarei o mundo bem ruim.

Se a vítima conserva tanta dor,
Que se dirá, então, do pobre autor
Dos tais disparos contra a minha vida?
Se a consciência o julga criminoso,
Não cabe a mim sentir prazer ou gozo,
Porém, trazer a alma combalida.

Dar tempo ao tempo é norma aqui vigente.
Não poderia ser mui diferente,
Que o tempo flui no etéreo doutro jeito.
Enquanto alguém do grupo está encarnado,
Os outros permanecem deste lado
A evoluir, se à lei houver respeito.

Depois de ler o verso lá de cima
Em que se alçou a fúria, em triste rima,
Me pus tristonho, a meditar na lei:
Se apaziguar a alma é complicado,
Por que não ajudar ao encarnado,

Passando-lhe o valete, a dama e o rei?

Não basta conhecer só o evangelho:
Precisa transformar o ódio velho
Em sentimento novo de perdão.
O estudo ajuda muito, nesse caso,
Porém, orar é flor que dá ao vaso
A vida que tirou o pobre irmão.

Se sofre o meu amigo, atormentado,
Por ver algum parente assassinado,
Pense que o Pai é caridade pura,
E vai fazer valer sua justiça,
Porquanto o bem co' amor logo lhe atija
A salvação de cada criatura.

A mágoa que me trouxe tão perverso
Quis transformar em paz, durante o verso,
E dei triste impressão de desmazelo.
Mas o recado há de ficar expresso,
Porquanto o mal jamais trará progresso,
Seja qual for a forma de dizê-lo.

Eu agradeço o amigo, nesta rima,
E digo que lhe tenho em grande estima
Essa vontade imensa de acertar.
Gostei do compromisso satisfeito
E, se me der amor e luz, aceito,
Que o meu cantar é pobre e devagar.

Vamos rezar a prece costumeira,
Ou qualquer outra que você requeira,
Que o dia já está ganho para mim.
Graças, Senhor, vos peço aqui, contrito,
E perdoai desta minh'alma o grito,
Que o meu rancor está chegando ao fim.

18

POETA-PRESIDENTE

Gravíssima importância tem a rima,
Quando repete a voz que o bem estima
E se esparge na Terra, em forte luz.
É que o encarnado tem puro desejo
De tudo conhecer, por ver sobejo
O sofrimento d'alma de Jesus.

A história se repete, muitas vezes,
Em muitos atos bons, ou vis, soezes,
Que sempre há gente nova p'ra aprender.
Leva vantagem quem viver agora,
Que é muito fácil ver que inda vigora
A lição de Jesus — nosso dever.

Os homens vão fazendo que se grave
A lei, que vai ficando mais suave,
Conforme mais aumenta a compreensão.
Assim, quando voltarem ao etéreo,
Acabam percebendo quanto é sério
Seguir as leis do amor e do perdão.

Um dia, hão de estar aqui comigo
Os que me forneceram bom abrigo,

Buscando dar de si o seu melhor.
Para tal gesto, um bem sempre é preciso:
É conceber a vida com juízo,
Sabendo as leis do Mestre até de cor.

Mas repetir as leis é cansativo,
Embora seja o verso criativo
E o povo nos quer ver *pererecar*.
À sombra da poesia, o bem não muda:
Quem deseja avançar a lei estuda,
Para o que é necessário se apressar.

O nosso sentimento é controlado,
Porque a palavra vem destoutro lado
E temos de mostrar que o bem existe.
Se o nosso verso fosse pueril,
Temos certeza que, se fossem mil,
Ainda assim o povo estava triste.

E, quando a rima fica complicada,
Aí, do que dissermos sobra nada,
Que, p'ra pensar, o povo é muito duro.
Em rima castigada, em nobre estilo,
Irão dizer que fi-lo porque qui-lo
E que estraguei o verso co'esse furo.

Meu compromisso, então, vira fumaça.
Melhor faria um gole de cachaça,
Tomado co'os amigos, lá na esquina:
— *O tempo?... — Ora, o tempo que se dane.*
Enquanto o corpo não sofrer com pane,
Vou adiando a hora da doutrina...

Foi bem assim que já pensei na vida
E trago agora a alma arrependida,
Na confissão do crime e desta dor.
O verso reles, que não fiz outrora,
Me serve p'ra dizer que, aqui, mais chora

Quem sonegou, aí, o bem do amor.

Hão de dizer que o mestre-presidente
Faria verso lúcido, fulgente,
Casquilho, solto, fácil, imortal;
Mas embotado, em termos de doutrina,
Pois a palavra certa é o que fascina
Quem sabe e segue a lei universal.

E qual a lei do verso mediúnico?
É transformar o tema num bem único,
Dizendo o que Kardec assimilou
E pôs nos cinco livros principais,
Que leem os que querem crescer mais,
Cuja noção tão simplesmente dou.

O que dizer, então, em quaisquer versos
Que não se saiba em prosa, nos diversos
Escritos mediúnicos maiores?
Apenas que se encontra aqui presente
Um pobre ser, que julga conveniente
Recomendar que os bons sejam melhores.

Lá no começo, eu disse que Jesus,
Sofrendo o desespero de uma cruz,
Causou ao povo, rude comoção,
Mas, pelos crimes que se veem na Terra,
Parece natural que haja guerra,
Enquanto ao Evangelho se diz *não*.

Assim, um verso a mais não faz sentido,
Embora nunca diga eu: — *Duvido*
Da força da poesia —, pois escrevo.
Só ponho tento no pensar do povo,
Que há de resmungar: — *Ei-lo, de novo,*
Com as leis do que devo ou que não devo.

Se quiserem que escreva mais cordato,

Dando a lei que nos rege cada ato,
A mostrar que Jesus tudo sublima,
Pergunto se isso é bom, se é ruim,
Porquanto tenho firme para mim
Que existe uma verdade em cada rima.

Cuidado, bom leitor, com a importância
Que assume a bela rima-extravagância,
Provinda cá do etéreo, benfazeja.
Se alguém logo disser que é benquista,
Por dar da realidade boa pista,
Entregue o coração, que o Cristo veja.

19

PERTO DO AMOR

Aproxima-se o dia da partida.
O povo já se arruma para ir
E suplica ao confrade Wladimir
Que pense, um pouco mais, em sua lida.

Não há como escapar do devenir,
Que, assim, é que se leva cada vida,
No amor do companheiro que convida
A que se possa sempre progredir.

Jesus já nos espera lá no Alto,
Mas não iremos dar um grande salto,
Pois devagar se vai à outra esfera.

Um dia, o povo chega aos pés de Deus,
Somente bem depois que forem seus
Os atributos que a virtude gera.

Vou refletir muitíssimo no bem,
Pois, até hoje, dei tolo desdém
Ao compromisso sério da virtude.
Reconhecendo que essa lei vigora,

Tal esforço jamais é fora de hora:
Quem pensa diferente mais se ilude.

Eu quero desejar felicidade
Ao que a fazer o bem se persuade,
Independente desta história minha.
Assim mostrou Jesus em doce apelo
E disse-nos Kardec que fazê-lo
É obrigação do povo que caminha.

Não pare, meu amigo, no caminho
E diga: — *Do Senhor eu me avizinho,*
Pois sofro, sem qualquer reclamação.
A vida que se leva aqui na Terra
Uma verdade lógica descerra:
Não há como fugir de dar a mão.

O lote das estrofes sempre aumenta,
Que é farta a nossa messe de escansão.
Nem todas, com certeza, à luz irão,
Mas uma só das minhas me contenta.

Vou pôr neste soneto o coração,
Que a luz do descortino não me isenta
De ter um certo orgulho que acrescenta
O medo de que o verso seja vão.

O meu caro leitor não desanima
E pede mais calor à minha rima,
Fremindo p'ra que tudo dê bem certo.

Aí, eu chego ao fim, desenxabido,
Porque perdi do tema o bom sentido,
Estando o seu amor aqui bem perto.

Querendo descartar-me deste verso,
Busquei dar-lhe um sentido mau, perverso,
Fazendo qualquer coisa de improviso.
O mestre olhou-me sério para a rima
E disse, com afeto, ali, em cima:
— *Compadre, a rima tem de ter juízo!*

E disse mais: que a vida não permite
Que o mal estabeleça o seu limite,
Mas que a virtude sempre prevaleça.
O verso mau queimei ali, na hora,
E tento ver se o próprio aqui melhora,
Conquanto seja rude esta cabeça.

Falei do meu trabalho com orgulho,
Mas não fui longe ou fundo no mergulho,
Por me saber restrito a certos temas.
Tivesse a experiência superior,
Demonstraria todo o meu vigor,
Em rimas de virtudes quase extremas.

Como sente o leitor o meu esforço?
Considera possível, neste curso,
Divertir-se, aprendendo algo de bom?
Ou salivei à toa o meu latim,
Pois foi a rima apenas pobre fim,
Não chegando a doutrina a dar o tom?

Então, vai perdoar-me o bom amigo.
Corri o risco de enfrentar perigo,
Sem alcançar um verso só perfeito.
A rima até que estive trabalhada;
O tema repetido é que me enfada,
Que o bem que a gente faz quer ver aceito.

Vou pedir ao leitor para que reze,
Mesmo que este trabalho nunca preze

E veja em tudo isto só bobagem.
Mas alegria é tema para o verso,
Quando se encerra o dia, aqui imerso
Nesta escansão de amor aos que reagem.

Eu vou pedir, enfim, a Jesus Cristo,
E nisto eu bato o pé, me esforço, insisto,
Que numa só estrofe caiba tudo.
As leis do amor, que a vida purifica,
Hão de tornar noss'alma muito rica,
Se unirmos o trabalho com o estudo.

20

LUVA DE PELICA

A tarde que termina com poema
É tudo o que se pede, num bom tema,
Em que a justiça e a fé se complementam.
Se trova se fizer com muito amor,
Periclitante o verso, quanto for,
Os nossos bons leitores sempre aguentam.

Se nosso Pai do céu nos reservou
(E este é pobre exemplo que lhes dou)
A perda de quem muito nós amamos,
Vamos pensar que, um dia, cá no etéreo,
Encontraremos doce refrigério:
Produzem muitos frutos estes ramos.

Façamos curta a espera e estudemos.
Nas águas do dever, os toscos remos
Calejarão as mãos de quem trabalha.
Ao ocupar a mente o sentimento,
Exige que haja dor cada momento,
Perdendo-se, por ócio, tal batalha.

Ergamos forte muro, p'ra defesa
Do amor, do bem, da luz e da piedade,

Sem suspeitar que Deus se desagrada,
Por sermos pobrezitos, nesta mesa.

Não faça por favor, por caridade,
Mas tenha, na virtude, tal firmeza,
Que o coração não julgue ser proeza
A justa comoção que a alma invade.

Juntos, havemos de chegar ao Pai,
Pois, nessa hora, a lei que sobressai
É da fraternidade universal.

Para fazer que a hora mais se apresse,
Vamos rogar-lhe a bênção, numa prece,
Consolo de esperança inercial.

Premissa de trabalho, a caridade
Deverá ser total, pois persuade
Que a dívida é recíproca, afinal.
Quem pode nos dizer que é filho único,
Fenômeno do etéreo, mediúnico,
Em parto de um acaso virginal?

Geração espontânea não existe,
Se existiu, isso é coisa do passado.
Hoje em dia, ao nascer, já foi gerado
E, se nasce, é que muito, muito insiste.

E o que faz ao nascer? Lança o seu brado,
Como o pássaro, exige o seu alpiste.
Adulto, nos aponta o dedo em riste,
Que fiquemos quietinhos, deste lado.

Mas o dia, o tal dia chega e o leva
E o transforma em espírito de gente.
Sendo mau, nada enxerga em meio à treva.

Continua o berreiro ensurdecente,
Inda mais, pois faz parte de uma leva.
O que quer? Reencarnar, naturalmente.

O bulício do povo é mesmo triste.
O coração da gente não resiste
E corre p'ra ajudar o sofredor.
Paciência, se não der sua atenção:
Cumprimos, parcialmente, a obrigação,
Em versos muito pobres, sem valor.

Um dia, a nossa rima frutifica
E a luva desse tapa é de pelica,
Que o belo nos disfarça a opinião.
Palavras desusadas geram clima
E a recriminação logo sublima
O sentimento nobre do perdão.

No fundo, tudo é sempre muito igual:
Há que fazer o bem, jamais o mal,
Que o reino do Senhor é a perfeição.
Se a nossa inteligência não permite
Saber onde se põe o seu limite,
Que sirva a caridade à salvação.

No fim, eu me encontrei comigo mesmo,
Porém, já não caminho mais a esmo,
Pois o meu rumo agora está traçado.
Jesus é que me pôs no bom caminho
E me conduz, na vida, com carinho,
Dizendo que o poema está de agrado.

Perturbarei o povo se disser
Que a rima que versejo é de colher
Para afastar quem gosta da matéria?
É que, ao fazer a trova, bem comprovo

Que, na linguagem simples, mais *estrovo*,
Pois toda ajuda é triste, na miséria.

De qualquer modo, dei o meu recado.
É pena se juntei mais um pecado
Aos tantos que somei durante a vida.
Valei-me, bom Jesus, na hora extrema
Em que devo fechar este poema:
Chave do amor que trouxe para a vida.

21

NOVA FORMA

Eu sofro a dura queda de uma vida,
Que me foi dada, um dia, por Jesus.
O Mestre me chamou e disse: — *Cruz,*
Não sabes que tu'alma está perdida?!...

Nigérrimo, passei longe da Luz,
Sem lhe ver a insistência que convida,
E disparei o verbo contra a lida
Que ao Amor e ao Bem o mau conduz

Sofri, depois de tudo, cá no etéreo,
Sem compreender da vida um só mistério,
Que os sons em ondas alvas se alteavam.

Chamei Jesus às contas, novamente:
— *Por que mentia a trova, incongruente,*
Quando os sentidos versos se enfeitavam?

Agora, eu sinto as rimas tão distantes,
Tão simples, tão banais, tão semelhantes,
Que não me dá vontade de voltar.
No entanto, estes meus versos mais brilhantes
Jamais vão repetir os que fiz antes,

Que o Bem, mais o Amor, vêm devagar.

Alguém há de dizer: — *Mas que mentira!*

O verso que se faz é tão caipira!

Desdiz da rima rica, parnasiana.

O estilo, meu amigo, é o próprio homem:

Alguns não valem mesmo até o que comem,

Mas quem tem competência não se engana.

Não julgue pela Forma ou pela Rima.

Contente-se em olhar se o Mal se estima,

Nos conteúdos simples, evangélicos.

As luzes mais ofuscam que clareiam,

Se as cores se misturam e permeiam

Os rápidos vislumbres psicodélicos.

Não vou deixar a marca da pessoa

Que julguei não ter sido assim tão boa,

Apenas por ter feito belos versos.

Mais vale o sentimento que arrepende

Do que todo um poema em que se ofende,

Em termos geniais, os adversos.

Estou a partilhar, com este amigo

Que tão gentil me dá, agora, abrigo,

Sem medo de ofender-me, por inútil.

É que lhe estimei a consciência,

Mostrando que escrever é uma ciência

Que tem um lado bom e um lado fútil.

Não vou fazer questão de linda rima.

Aqui, neste meu verso, basta o clima

Mostrar que é o amor que me impulsiona.

O mais há de ficar posto de lado,

Embora dos mortais seja de agrado,

Que o belo som nas trovas impressiona.

Pertence-me o controle da vontade

Do médium, que a escrever se persuade,
Querendo deixar tudo esclarecido.
Mas sempre há de existir quem não entenda
Qual é do Amor do Pai a nobre senda
E vai dizer ao povo: — *Eu duvido!*

Queria desfazer a pretensão
Que vejo possuir o coração
De quem mais se presume espiritista:
Ao ver qualquer poesia mediúnica,
Estende sobre ela a sua túnica
E mede, pelo seu, o dom do artista.

O mais humilde há de vir comigo,
Isento de correr qualquer perigo
De insuflação de erros e de vícios.
Porque deixei uns versos inspirados,
Não quer dizer que foram esses dados
Que me evitaram tantos sacrifícios.

O *Cruz*, que carreguei por tantos anos,
Também já me causou ledos enganos,
Que a fama sobe ao topo da cabeça.
Aí, qualquer palavra é uma loucura,
Que está o gajo à cata ou à procura
Da rima que melhor o favoreça.

Passei um longo tempo com tal vício,
A ponto de causar um desperdício
No Bem que deveria assimilar.
Até para arrotar, eu tive ensejo
De transformar em álgido desejo,
Não fosse o tal arrote *naturar...*

O exemplo deve ser mui vigoroso,
E serve p'ra mostrar que o antigo gozo
Deixava muita gente sem ajuda.
Não desejo exaltar toda a miséria,

Mas, simplesmente, dar que a coisa é séria,
Quando a Virtude e o Bem o mau não muda.

Agora, eu vou deixar, enternecido,
A casa onde estou sendo recebido,
Para tratar no etéreo de outra cousa.
P'ra quem quiser pôr dúvida, eu insisto
E juro pelo amor de Jesus Cristo:
Quem cá veio escrever é o Cruz e Sousa.

Ao Pai, vou destinar a minha prece,
Pedindo pelo povo que se esquece
De ler Kardec e de viver Jesus.
Senhor, arrefeci os criminosos,
Dando-lhes trégua, p'ra sentirem gozos
Que só se sentem sob a vossa Luz.

E a quem moureja em prol da Humanidade,
Dai um tiquinho da felicidade
De ver o bem que faz reconhecido,
Ao lhe forrar o coração de brio
Para enfrentar o forte desafio
Do Amor, no Cristianismo Redivivo.

Ao escrevente, vou deixar uma mensagem:
Que não é sempre que se encontra essa coragem
De versejar, em rimas pobres, belos versos.
É que o sentido que nós damos à poesia
Vai disfarçar, tão simplesmente, a melodia,
P'ra que os leitores jamais fiquem mui dispersos.

DRAMATIZAÇÃO

— *Não perca tempo!* — diz-me o mediador,
Na hora de ditar-lhe esta poesia.
O tempo ocioso a ele causaria
Preocupação, por desejar compor.

Ir devagar, portanto, é uma *fria*
E não pretendo provocar rancor,
Mas aqui sigo, *lenta*, quanto for,
A forma triste desta melodia.

Se o bom amigo permitir-me a deixa,
Que do improviso nunca ele se queixa,
Vou passar-lhe um soneto, *no capricho*.

Mas, para isso tem de dar recurso,
Que não me torne seu amigo-urso,
Que, embora amigo, não é mais que bicho.

Um belo verso, para ser composto,
Há de mostrar do autor o tom do gosto,
Ao personalizar o seu estilo.
Aqui estou a lhe ditar a norma,

Com que o encarnado logo se conforma,
Por não querer causar-me nenhum *grilo*.

É vil, é pérfido, é... sensacional!
Não há entendimento universal,
Quando se trata de questão de gosto.
Por isso, vim ditar-lhe este meu verso,
Sabendo, de antemão, que alguém, perverso
Até pode chamá-lo, no meu rosto.

Mas vou reconhecer que a pobre rima
Não tem sequer a minha grande estima,
De tanto repetir o preconceito.
Preciso amar a quem já não me ama,
Podendo até dormir em doce fama,
Que estou a revirar-me, em duro leito.

Ao afagar o *ego*, eu me permito
Aliviar o tónus tão aflito
Do coração, que bate em descompasso.
Só vou ficar mais calmo lá no fim,
Quando somente um verso não ruim
For receber do irmão aquele abraço.

Agora, eu já consigo ir mais depressa
E vejo que o sistema é bom à beça,
Pois torna o caro médium *trifeliz*.
Vim devagar, porque não via nisso
A prestação real de algum serviço
E vejo aqui do amor a diretriz.

Eu dramatizo um pouco, isto está claro.
Ao poetar, o fato não é raro,
Que o sentimento vale para o efeito.
Eu preparei a rima, desde cedo,
Não quero, agora, simples arremedo,
Senão vão me dizer que estou sem jeito.

Será importante vir com verso pronto?
Por certo, para mim, que fico tonto
Diante do improviso e do repente.
Cantei, na Terra, modas de viola,
Mas meus calçados sempre tinham sola,
P'ra não pisar em brasa ou ferro quente.

Por isso, fiz questão de tudo certo
E acompanhei a rima bem de perto,
Desagradando o médium, pela calma.
Agora que me apanha a melhor rima,
Perfeitamente dentro do meu clima,
No corpo dele, vejo a minha alma.

Não é melhor, assim, para o leitor,
Que sabe o que pensar sobre o que for
Que se falar no verso, em tom sublime?
O médium se resguarda de uma vez
E, se o conceito for ruim, soez,
Ele pula p'ra fora e se redime.

Eu defini, portanto, o melhor jeito
De me sentir bastante satisfeito,
Nos versos que farei daqui por diante.
Propus os termos para a minha glosa:
Esteja derrotada ou vitoriosa,
Responsabilidade se garante.

O tira-teimas do primeiro dia
Provou-me que, em matéria de poesia,
O companheiro aí entende um pouco.
Põe atenção em tudo quanto diga
E só se perde quando a rima intriga,
Mas nunca torna o seu ouvido mouco.

Naturalmente, o verso chega ao fim.
Eu não preciso convencer-me a mim
De que alcancei provar que sou poeta.

Esperem um pouco mais quem desconfia,
Pois variar o tema da poesia
Vai demonstrar que a trova é mais completa.

Agradecendo ao Pai, a cada instante,
Não se precisa orar, esfuziante,
No encerramento nobre do poema.
Mas, como ao Pai ainda não fiz prece,
Uma palavra agora já carece,
Pois a felicidade está suprema.

Espero, então, aquele abraço amigo,
Tendo corrido a rima o tal perigo
De despencar no abismo do improvisado.
Mas um versinho só me deu problema,
Aí eu disse ao médium: — *Vamos! Rema!*
Ele, por sua vez: — *Calma! Juízo!*

Dramatizei na hora em que devia;
Brinquei um pouco até co'a melodia,
Falando sério sobre os bons valores.
Que tal ir ver, agora, os belos peixes?
Não vou deitar razões p'ra que te queixes,
Ao tornar as sextilhas inferiores.

23

AS UVAS VERDES

A estiva da tarefa da poesia
Nos põe bem à vontade, todo o dia,
Fazendo-nos alegres e felizes.
Na hora do ditado, o caldo engrossa,
Embora cada verso a gente possa
Deitar sobre o papel; e sem deslizes.

Aí, quando o parceiro nos recebe
E nos abre o portão de sua sebe,
As rimas vão dispondo-se, uma a uma.
Existem as palavras que se ajustam;
Outras, para encaixar, um pouco custam,
Até que toda a estrofe aqui se arruma.

Não é difícil de sentir a trova.
O número dos versos já comprova
Que estamos bem dispostos ao seu lado.
Às vezes, o colega que lhe dita
Carrega uma alma triste, tão aflita
Que tudo o que lhe diz não é de agrado.

Mas quem apanha os versos numa boa
Não há de injuriar a tal pessoa:

Apenas se entristece com a rima.
E reza, como ajuda de incremento,
A prece da saudade e do memento,
Para mostrar que a dor cá se sublima.

Perigos, haverá, a toda a hora,
Que o livre-arbítrio aqui também vigora,
Podendo a gente vir em desconsolo.
Então, o guardião se compromete
A mostrar a quem vem *pintar o sete*
Que, se não se portar, é por ser tolo.

Os versos vão ficando para trás
E o nosso coração se enche de paz,
Ao ver a melodia se compondo.
Se a rima se anuncia muito rica,
O médium para, pensa e modifica
O medo, para o efeito deste estrondo.

Às vezes, o encarnado, desatento,
Ao prestar atenção no forte vento,
Que agita os ares prometendo chuva,
Não pega a melhor rima que ditamos,
Depois olha p'ro alto destes ramos
E diz: — *Como está verde a sua uva!*

O tema está saindo no improviso:
Desejava saber se realizo
O feito de que outrora me orgulhava.
O amigo que ditou na sexta-feira
Pedi-me, mui gentil: — *Se, acaso, queira,*
Invente, para ver se a trova trava.

Não vejo diferença no ditado:
O médium não se sente atrapalhado,
Pois tudo para ele é novidade.
— *O que vier na mente eu escrevinho!* —
Está a nos dizer, com tal carinho

Que a caprichar o verso persuade.

Desejo que a experiência continue,
Com uma rima trôpega em que atue
O extremo da maldade, em versos broncos,
Para sentir se o médium se atrapalha
Ou pega o resultado da batalha,
Para cantar vitória, em grandes roncos.

Terei de conduzir-me mais ameno,
A moderar a dose do veneno,
Para alcançar que o verso fique bom.
O que eu ditar o gajo aí regista;
Se a rima não se ajeita, busca a lista
E acerta a melodia pelo tom.

Então, como um macaco muito velho,
Enfio minha mão nesse evangelho,
Cumbuca de que extraio a melhor rima:
O mel tem mil reflexos de luz,
Na mais doce lição que deu Jesus,
Fazendo-nos irmãos em sua estima.

Quisera possuir bem mais talento,
Para dizer que aqui eu tudo intento,
No intuito de lhes dar o meu amor.
Os versos, entretanto, são comuns:
A maioria pobre, só alguns
Respeitam os princípios do compor.

Mas não vou desculpar-me pela glosa,
Pois é pelas virtudes que se dosa
O tom da melodia, até o fim.
Se o companheiro desejar fulgor,
Não serei eu que aqui virá compor,
Pois o que eu faço ainda está ruim.

Pede o bom médium para que eu prossiga,

Já que o improviso dilatado intriga,
Na rapidez com que se fez a trova.
Quer parecer que o povo aqui mentiu,
Que, como pássaro a dizer: — *Piopio!* —,
A poesia só repete a prova.

É bem verdade que apanhar de relho
Pode representar um bom conselho,
Por isso, estou ditando devagar,
Para mostrar ao moço que vacilo,
Mas, apesar de tudo, vou tranquilo,
Pois sei que Deus nos há de abençoar.

24

REPETIÇÃO E PACIÊNCIA

Não tenho outro interesse, em minha vida,
Do que mostrar ao mundo a dura lida
De quem não compreendeu o que é virtude.
Os compromissos devem ser saldados,
Com coração e mente serenados,
No aguardo de que Amor a alma mude.

Não devo prosseguir na rude linha,
Tornando a minha rima comezinha,
A ponto de espantar o bom leitor,
Que os versos têm de vir sempre formosos,
P'ra produzirem n'alma fortes gozos,
Ao sentirem-se afeitas ao Amor.

Estava preparado p'ra poesia
E vim mostrar ao povo esta alegria
De organizar a estrofe e o estribilho.
Aqui chegando, examinei a trova
E o meu *cavalo* deu forte corcova
E eu caí sem forças e sem brilho.

Estou brincando, pois, naturalmente,
As coisas chegam juntas p'ra quem sente
O mesmo ardor divino no trabalho.

O contratempo não me pôs alerta,
Pois o compadre aí capricha e acerta,
Disposto sempre a me *quebrar o galho*.

Vim solidariamente versejar,
A revirar as rimas do bazar
Que a mente deste médium me ofereça.
Aí, compreendo a norma da poesia,
Que qualquer um aqui melhor faria,
Se já trouxesse as rimas na cabeça.

Os *pontos-chaves* do poema todo
Vêm à lembrança a jato ou vêm a rodo,
Porquanto é muito fácil de ditar:
Basta um pouquinho só de imantação,
Que os versos vão passando de roldão,
Embora a gente queira ir devagar.

O médium desaprova o nosso tema,
Porque falar dos versos no poema
O pôs cansado e triste, tantas vezes,
Embora reconheça que são novas
As emoções que nutrem estas trovas,
Que se repetem sempre, há tantos meses.

A inspiração divina nos falece,
Por isso, repetimos sempre a prece
Que o Mestre, certa vez, nos ensinou.
E, mesmo assim, o povo não compreende
E a oração tão bela nunca rende
Os fluidos de um amor que não murchou.

Vamos mostrando, pois, que a nossa estima
Há de montar-se sempre em doce rima,
Conquanto repetida e cansativa.
Quem sabe alguém, aproveitando o ensejo,
Venha trazer virtudes de sobejo,
Para tornar a estrofe bem mais viva...

— *É obsessão, é fúria demoníaca.*
Há de causar uma lesão cardíaca,
Que o pobre médium, por sofrer estresse,
Vai enfrentar um mal psicossomático,
Pois já começa a estar bem sorumbático:
Pronto-socorro a vítima carece.

Eu demonstrei que a rima vai variar.
É que a paciência vem mais devagar,
Quando se conta o tempo por minutos.
A vida, assim, se esgota, seja aos poucos,
E os nossos cantos vão ficando roucos,
Enquanto amadurecem os tais frutos.

Não há de suspeitar de invigilância,
Que as trovas não demonstram que há ganância
De se alcançar o belo, a qualquer custo.
O verso vem rasteiro e linear
E, se alguma expressão cá rebrilhar,
Há de causar, no autor, o maior susto.

Outra virtude inata da poesia
É a obediência às normas, que faria
Um mal danado, caso desprezada:
O decassílabo teria fim,
Se a sexta sílaba não fosse, assim,
Na quarta e na oitava assinalada.

Como fazer a trova mais depressa?
Somente se se achasse bom à beça
Representar a dor, em rude prosa,
Deixando o amor, o bem, a paz, a prece,
Como roteiro que emoção carece
Dos compassos gentis de alegre glosa.

No encerramento de mais este dia,
É bom que se confirme que a poesia

Descai do etéreo para a mente humana;
Que o caro médium sofre muito pouco,
Caso contrário, ficaria louco,
Que a pobre rima nunca se engalana.

Agradecer ao Pai é de rigor,
Pois me dá tempo até para compor,
Embora o sofrimento não se esqueça.
Quem sabe, um dia, a prece do *pai-nosso*
Vá permitir dizer que eu também posso
Apaziguar as dores da cabeça.

25

ESTUDAR KARDEC E VIVER JESUS

A trova que componho chega chata
E fica neste ata e não desata
De um tema, sem cabeça e sem chulé.
E o médium fica aí, alvoroçado,
Querendo e não querendo estar de lado;
Enfim, pondo esperança e pondo fé.

Ao ver a prima estrofe resolvida,
O pobre a este poeta já convida
Para seguir avante no projeto.
E eu, sem perder tempo com a rima,
Entro disposto a mergulhar no clima
E mui me alegre, ao aceitar seu teto.

Já conformado ao tipo da poesia,
Nosso escrevente acata e avalia,
Quando as dez sílabas se põem na linha.
É exigente e não altera nada,
Desde que a trova esteja caprichada
E dentro d'alma o amor em paz se aninha.

Vamos orar, contritamente, ao Pai:
— *Senhor, nossos pecados perdoai*
E ponde luz no coração da gente,

*Para que a trova diga, com respeito,
Que todo o mal, um dia, terá jeito,
Se todo o bem fizermos, simplesmente.*

É inoportuno orar pedindo amor,
Que o sentimento nasce ao se dispor
Em harmonia e paz com seu irmão.
É como o verso que esta rima faz:
Se se quebrar o pé, não é capaz
De aproveitar a força deste som.

O bom amigo que nos lê o verso,
Caso se sinta neste clima imerso,
Aproveitando bem o sentimento,
Ponha uma pitadinha de malícia
E veja se consegue esta delícia:
Tornar a vida toda um só momento.

Vou explicar melhor a pobre rima.
É que, ao gostar do verso, mais se estima
A vida que se tem, sofrida, embora,
Que o verso causa dor e desprazer,
Ao lhes falar do bem e do dever,
Quando, ao cumprir o carma, se demora.

*— Por que é que o poeta dá conselho
E, logo após, me crava rijo o relho,
Como se eu fosse mau, teimoso e burro?
Será que fica alegre com o verso
Que me atribui os vícios do perverso,
Aguardando, afinal, este meu urro?*

Respeito ao bom leitor é o fundamento
Da lei que rege o verso, no momento
Em que se dá a leitura, com amor,
Pois não se pode compreender a trova
Que representa, simplesmente, a prova
Da paciência d'arte de compor.

De que me adianta aqui fazer um verso,
Se o bom leitor não chega a estar imerso
No clima da bondade e da poesia?
É como orar ao Pai sem entusiasmo.
É recolher as velas no marasmo
De um coração já morto, em apatia.

Ao estudar Kardec, esteja atento,
Para saber qual é o sentimento
Com que su'alma aceita cada lei.
Se se revolta com qualquer das dez,
Soltando gritos, dando pontapés,
É hora de inquirir: — *Será que sei?...*

Se, ao se viver Jesus, algo destoa,
Das normas de uma vida alegre e boa,
Ganância de ter sempre muito mais,
Aí, é perigoso ir em frente,
Sem refletir nas leis, humildemente,
Pois devem os humanos ser iguais.

Componha um só versinho p'ra Jesus,
Agradecendo ali a sua luz,
Em rima simples, pura, de valor,
E reconheça o bem da sua vida,
Cuja bonança o amor mais convalida,
Que a recompensa vem ao se compor.

Apaga-se a memória, neste instante.
Já não consigo ir longe o bastante,
Na derradeira estrofe que lhe dito.
Mas, mesmo assim, eu reconheço a glória
De haver contado aqui parte da história,
Memento de paixão, amor bendito.

NECESSIDADE DAS VIRTUDES

As asas libertárias dos meus versos
Vão transportar-me ao Céu, onde diversos
Parentes e colegas já me esperam.
Na ânsia de fazer-lhes referência,
Quase me esqueço aqui de dar ciência
Das virtudes que lá mais preponderam.

De todas, é o amor a mais frequente,
Por não se compreender que ali a gente
Possa pensar em si e não no mundo.
Fazer o bem, então, é consequência
De se seguir a lei, em obediência
A um sentimento d'alma mui profundo.

Vou suspender a lista, p'ra dizer
Que é no *Evangelho* que se vai saber
Como se dão as coisas lá no etéreo.
Não hão de existir dúvidas p'ra mim:
Lá não pode subir quem é ruim
(E isso não faz parte do mistério).

O coração do povo bate forte,
Quando percebe que está perto a morte,

Tendo perdido o tempo em vã quimera.
Aí, dá uma de real farsante
E bate o pé e afirma e mais garante
Que já está pronto para a nova esfera.

É muito fácil pressupor que a vida
Abriu as portas da melhor saída:
É só contar os feitos evangélicos.
Se o *cara* não fez nada de valor,
Como haverá, no etéreo, de compor
Outros cantares que não sejam bélicos?!

Não recrimino quem não teve o dom
De perceber que a chave era ser bom,
Já que eu fali, na Terra, várias vezes.
Mas, para aqui chegar e fazer verso,
Eu pus de lado o meu sentir perverso
E rejeitei os vícios mais soezes.

Hão de pensar que há muito estou à espera
De me elevar àquela tal esfera
Em que me aguardam os meus bons amigos.
É verdadeira essa suposição,
Pois é preciso conseguir perdão,
P'ra não correremos riscos nem perigos.

Como lhe sabe a vida nesta hora:
Será que já é tempo de ir embora,
Ou falta ainda muito por fazer?
Já aproveitou os gozos da epiderme,
Na qual irá refestelar-se o verme,
Ou quer cumprir ainda outro dever?

Jamais é tarde p'ra fazer o bem:
Basta pensar que a vibração contém
Os fluidos úteis p'ra qualquer pessoa.
Um pensamento para alguém que sofre,
Mesmo vazio de amores nosso cofre,

Nos páramos do Céu, também ressoa.

O que dizer, então, de um simples verso,
Que deixa o coração no amor imerso,
Oferecendo ao Pai bonita prece:
— *Senhor, tende piedade de quem erra;*
Fazei com que compreenda, já na Terra,
De quais virtudes é que mais carece!

Desta humildade não me vanglorio,
Por sentir n'alma o sério desafio
De vir mostrar aqui tudo o que posso,
Pois o caro leitor se persuade
Do roteiro do amor e da verdade,
Quando nos ouve recitar: — *Pai nosso...*

Vai demorar o dia da subida.
É como se estivesse em meio a vida,
Estando o bom dever pela metade.
Ao se montar o verso com amor,
Esteja a rima rica quanto for,
Nós só nos alegramos, caso agrade.

Eu vou deixar a mesa nesta hora,
Pois o regulamento inda vigora
De um número de trovas, cada dia.
E, quando existe reunião no Centro,
É bom mostrar que a turma está por dentro,
Fazendo depressinha esta poesia.

Muito obrigado, ó caro e bom amigo,
Por me ter dado tão gentil abrigo
E ter ficado um pouco além da hora.
O peso da responsabilidade,
Que sua alma, com fervor, invade,
Irá trazer-lhe a paz, se for embora...

27

BOM HUMOR POÉTICO

Os que não têm sossego nesta vida
Só podem acusar o Criador,
Porque, sejam sagazes no que for,
Não chegam a saber que o bem convida.

Por isso, se quiserem recompor
O bom humor perdido para a lida,
Hão de trazer a alma arrependida,
P'ra receberem todo o puro amor.

Não vou dizer de novo a tal lição
De que se deve abrir o coração
Para a bondade etérea de Jesus.

A cada qual, cabe o dever do bem,
Pois não pode a poesia ficar sem
A claridade intensa dessa luz.

O compromisso que se tem, lá em cima,
De vir compor, na Terra, a melhor rima
Me traz pela coleira, a cada verso,

Que a hora há de passar, de qualquer jeito.
Então, eu vou dizer, depressa: — *Aceito!* —,
P’ra que o sexteto não se dê perverso.

Estou querendo inocentar o amigo,
Pela frieza deste seu abrigo,
Pois o meu verso é pobre p’ra cachorro.
É que a coleira presa ao meu pescoço
Não me permite farejar um osso,
Nem quando o médium me propõe socorro.

Dia após dia, a rima que aqui faço
Dá menos a impressão que vem do espaço,
Que o gosto dos terrestres prevalece.
A brincadeira já não tem sentido
E o povo vive a me dizer: — *Duvido*
Que isto possa transformar-se em prece!

O meu limite aqui não tem fronteira,
Pois já me não importa que se queira
Que o verso se apresente esplendoroso.
Escorreguei, caí, me machuquei:
A majestade não perdi que o rei
Decide sobre a dor e sobre o gozo.

Jesus deu-nos exemplo soberano,
Após haver sofrido o maior dano,
Ao ressurgir dos mortos, triunfante.
Não veio, com certeza, em carne e osso,
Pois não tinha coleira no pescoço:
O *Novo Testamento* nos garante.

A liberdade de Jesus promete
Que pode o povo vir pintar o sete,
Dentro das normas justas da poesia,
Que o pensamento é bom e é generoso,
Quando prevê, para o leitor, o gozo
Da melhor rima que ele aqui poria.

Fazer o bem nos versos é o destino
De quem se preparou desde menino,
Segundo as leis do amor e da virtude.
É claro que, ao propor a traquinice,
Devemos nos lembrar que o Mestre disse:
— *Deixai que venha a mim a juventude!*

Querendo respeitar o bom leitor,
Há quem não se liberte p'ra compor,
Fazendo versos do pior quilate.
Iremos espalhar mais alegria,
Correndo, embora, o risco duma fria:
P'ra caravana, a cachorrada late.

Um único versinho que destoe,
Dentro de alguma rima que não soe,
Não há de perturbar o caro médium.
Um dia após o outro é de rigor:
Aí, volta o poeta a recompor,
Trazendo o velho pote de remédio.

Jesus não falha nunca em seu auxílio,
Esteja, embora, fraco este estribilho,
Interessado só na melhor rima.
É que o prazer de nos causar um bem
A fé, no coração dos bons, retém
E mostra aos maus o brilho desta estima.

TROGLODITA

Enovelado nos meus maus pendores,
Passei a vida em meio a fortes dores,
Pois tudo para mim era traição.
Aqui chegando, eu tive de mudar,
Para poder ficar neste lugar,
Onde aprendi as leis do coração.

Não consegui tão cedo a tal virtude,
Que o mal, com vis promessas, nos ilude,
Mostrando-nos a vida como um gozo.
Estive quase à beira da falência.
Salvou-me do perigo a Providência,
Que um nobre benfeitor me deu, teimoso.

As páginas seguintes foram tristes.
O bom amigo a perguntar: — *Insistes?* —,
Enquanto me esfalfavam os rancores.
Queria vir ao mundo novamente,
Trazendo um só projeto em minha mente:
Dar a quem me feriu as mesmas dores.

Projeto inconsequente e temerário,
Que o povo mais se esquece, de ordinário,
Que a vida vai cobrar o que perder.

Não quis a sorte que viesse ao mundo,
Para um raciocinar bem mais profundo,
Que uma coisa é querer, outra, poder.

Eu lastimava a intriga da consciência,
Sem perceber, na alma, a ambivalência
De todo pensamento surrealista.
Queria e não queria vir à Terra
E declarava à paz a minha guerra.
Cheguei a incriminar-me: — *Vigarista!*

Jogava uma água fria na fervura
Aquela nobre e calma criatura,
Ao me falar de amor e de perdão.
Mostrava-me que a lei que aqui vigora
Coloca cada coisa em sua hora,
Conforme se vai dando a evolução.

Eu era um troglodita disfarçado,
Mas fui sendo, aos pouquinhos, desarmado,
Pois vence quem apela ao sentimento.
Mostrou-me os litigantes lá no mundo,
Em desespero d'alma tão profundo
Que até julguei suave o meu tormento.

Pus-me a estudar a lei de causa e efeito
E disse ao benfeitor: — *Agora aceito
A dor que trouxe n'alma tão intensa.
É que causei os males noutras eras,
Julgando ser os débitos quimeras.
Mas qual seria a rica recompensa?*

Não pude concluir o pensamento,
Que as lágrimas toldaram o momento,
Fazendo-me pensar só em Jesus.
Uns poucos inimigos, por traição,
Causaram-me terrível aflição:
E se eu sentisse o peso da tal cruz?

Enovelei-me, então, no bem do amor,
Para o poema vir aqui dispor,
Que o sofrimento a alma só perdoa,
Quando compreende a lei de causa e efeito
E abre o coração, dentro do peito,
Tornando um seu irmão cada pessoa.

Recalcitrei e apenas alcancei
Deixar para depois o entendimento,
Que o amor avança por processo lento,
Quando se odeia o pessoal da grei.

Agora, também sei que não aumento
As consequências dessa forte lei,
Ao referir que o pobre quanto o rei
Vão sofrer, pois ninguém está isento.

Caso soubesse disso bem mais cedo,
Enfrentaria a dor, sem sentir medo,
Esperançoso de me ver melhor.

Por isso, eu digo ao povo que me lê
Que a sorte trata bem melhor quem crê,
Sabendo a lei, para aplicar de cor.

SENTIMENTO DE INFERIORIDADE

Não quero desfraldar minha bandeira,
Sem demonstrar que a luta do Siqueira
Está perdida p'ro saber humano.
É que a besteira de fazer maus versos
Fará pensar em dias mais perversos,
Que o Espiritismo atija o desengano.

Por isso, venho, aos poucos, temeroso
De provocar, nos pobres, o mau gozo
De rir do autor e não da rima alegre.
Assim, vou carregando a triste sina
De ver que tudo o que o evangelho ensina
Talvez, no meu poema, desintegre.

A rima é rica e o sentimento existe,
Mas temo muito ver-lhe o dedo em riste,
Pois me preocupo com coisinha à-toa.
Falar do amor, do bem, da caridade
É fácil, quando a fé nos persuade
De que existe talento na pessoa.

Exagerando o tópico anterior,
Esteja belo o verso, quanto for,
Existe sempre o medo de falhar.

Aí, o meu ditado fica tenso
E quero demonstrar o meu bom senso,
Ditando minhas rimas devagar.

O médium contribui com seu humor,
Pois sabe o que fazer com o temor
Que lanço em sua mente, por tabela.
É que fazer o bem com simples versos
Exige que tenhamos muito imersos
Os garfos e as colheres na panela.

Preocupa-me esta hora derradeira,
Quando me diz o médium: — *Ó Siqueira,*
Vê se te apressas com os versos d'alma.
Fazer a rima, com a voz do povo,
É repetir a trova aqui de novo:
Vai exigir de mim tremenda calma!

Medito sobre o que me diz o médium
E vejo, na pobreza deste assédio,
Um bom motivo p'ra deixar o posto.
Mas ponho confiança em que Jesus
Me venha socorrer, com sua luz,
E as lágrimas me escorrem pelo rosto.

Registro o sentimento numa rima,
P'ra dar à transmissão o doce clima
De quem deseja muito o bem alheio.
Se Deus escreve certo, em linhas tortas,
Se o pensamento vaga, em horas mortas,
Por que não posso amar, em verso feio?

Eu noto uma explosão de fé e amor,
Quando consigo a glosa aqui compor,
Seguindo do evangelho a nobre lei.
É que o leitor me estima com carinho,
Se eu lhe demonstro que o melhor caminho
É pôr de lado a dor e amar a grei.

Estando arrebatada a minha gente,
Eu ergo uma bandeira, simplesmente,
P'ra demonstrar que a luta continua,
Pois a verdade desta minha guerra
Está em que o poema só se encerra
Quando lascar no mal mui dura pua.

Se concordarem com o que lhes digo
E me abraçarem, como a um velho amigo,
Ninguém será no mundo mais feliz.
É que terei sossego permanente,
Pois saberei que o coração não mente,
Ao aceitar do amor a diretriz.

Caso me ofertem mais alguns minutos,
Pretendo desejar-lhes só bons frutos,
Nas árvores do amor de sua vida.
O Pai do céu dará a sua bênção,
Para que os encarnados sempre vençam,
Unidos na lição que ao bem convida.

30

EXORTAÇÃO

Cristianismo redivivo,
Quem estuda o Espiritismo
Vai livrar-se desse abismo
Dos males de quem é vivo.

Já perto do cataclismo,
Há de dizer: — *Eu me privo,*
Para não ficar cativo,
Dos gozos deste egoísmo.

Vem ensinar-me Jesus,
Em evangelho de luz,
A dar amor e perdão.

Kardec me persuade
Que fora da caridade
Não existe salvação.

Não queiras decifrar o teu destino.
Espera, com paciência, que o menino
Se transforme em jovem cabeludo.

Na madureza, logo te apresentas
E, quando toda a força experimentas,
Aparece a velhice e leva tudo.

Dessa forma, acontece a toda a gente:
Não se escapa da morte, simplesmente,
Premissa superior de tua vida.
Entretanto, no etéreo, tudo muda,
Mas, se a impressão terrena for aguda,
A existência se torna descabida.

Não queiras competir co' a Providência:
Elege para ti a obediência
Por norma superior do coração.
Faze com que o destino te proteja,
Pois, com amor, o mal se remaneja,
Se a todos estenderes tua mão.

Não percas tempo só pensando em ti.
Mesmo que digas: — *Quão pouco vivi!* —,
Do outro lado irás mais devagar.
Quem faz o bem não pensa haver perdido,
Já que conhece a força do sentido
De se cumprir a lei sem reclamar.

As regras para o etéreo não diferem:
Os renitentes chegam e conferem,
Querendo privilégios desde logo.
Quando percebem que falharam tanto,
Acabam sem dizer seu *entretanto*,
E clamam ao Senhor: — *Perdão eu rogo!*

Não é difícil compreender que o mundo
Comporta esse sentido mais profundo
De que a existência segue cá no etéreo.
Como seria triste a nossa vida,
Se a conclusão se desse na guarida
Do pó da terra lá do cemitério!

Caso não queiras vir muito depressa,
Julgando que a doutrina não é essa
Que os versos broncos põem na tua frente,
Não tenhas medo, pois Jesus não erra:
Se fores bom, ele jamais encerra
Tua jornada em torno do presente.

Virás viver no etéreo com o povo
Que te repetirá tudo de novo,
Em prosa ou verso, como preferires.
Caso não te aproveites da certeza,
Virás dar testemunho junto à mesa,
Que a norma é a da verdade que sentires.

Mas vai dizer-nos: — *Grande barafunda!*
Não haverá verdade que contunda
Quem pensa diferente da doutrina?
Você tem liberdade de pensar
E poderá escrever neste lugar?
Ou isso é argumento, não a sina?

Ninguém virá à mesa sem convite:
Responsabilidade é o limite
De quem se manifesta por si mesmo.
Aí, vai responder perante a lei
E, se errar, irá dizer: — *Errei!* —,
Porque a Criação não foi a esmo.

Que tal principiar com um versinho,
P'ra demonstrar ao Pai o teu carinho
Em aceitar a vida como é?
Coloca tua alma na poesia;
Não te importes se alguém melhor faria:
O limite do amor é tua fé.

Agradecer ao Pai é o bem supremo,
Pois mostra ao companheiro que é extremo

O sentido da vida e do amor.
Embora a morte chegue qualquer dia,
Quem trabalha é porque muito confia
Em que tudo o que faz terá valor.

Recebe o nosso abraço como amigo;
Não julgues que aqui corres o perigo
De seres enganado pela gente.
Deus te oferece o manto das virtudes:
Se fores mau, queremos que tu mudes;
Se fores bom, irás saber quem mente.

Eu me despeço agora, comovido,
E a uma prece ao Pai também convido
Quem está do outro lado da doutrina:
— *Senhor, abençoaí a toda a gente.*
Se alguém errar, fazei seja consciente
Das leis que o Cristianismo nos ensina.

31

O FIO DA NAVALHA

Estranhos sentimentos cá se cruzam,
Que as dúvidas se erguem soberanas.
Por que tanto amargor, se não te enganas
Co'as leis que só se aplicam quando abusam?

Se as cordas estão livres das roldanas,
Quais conclusões desejas que se induzam?
Os homens não entendem e recusam
As luzes que não dão razões humanas.

Eu venho, lentamente, te dizer
Que não vai adiantar todo o poder
De se espojar na vida da matéria,

Se não se controlar o sentimento,
Ao se pensar: — *Eu faço e arrebento,*
Quando chegar a vez da vida etérea.

O homem vive em guerra contra si,
Pois sabe falacioso o sentimento;
Em crise, por saber que eu não aumento
As dores destes tempos por aqui.

Quisera que acabasse o teu tormento,
Na mágica do *faço que não vi*,
Mas, pela experiência que vivi,
Eu quero que tu digas: — *Eu aguento!*

Assim, é bom pensar em caridade,
Em dar amor a quem se persuade
A progredir na vida com denodo;

E socorrer o pobre em desatino,
Dizendo, com Jesus: — *A este ensino*
Que a vida com a morte é um só todo.

Voltamos, novamente, neste dia,
Para trazer a dura melodia
De quem conhece mais que o ser humano.
A morte, por mais triste que pareça,
Ao ser lembrada, faz que não se esqueça
O homem de que age por engano.

A sutileza desta nossa rima
Está em demonstrar que existe clima
Para pensar em Deus, aqui na Terra.
E tem tal força o nobre pensamento
Que poderá pôr fim ao teu tormento,
Ao compreender com quem estás em guerra.

É valioso conhecer o prisma
Desta poesia, que contém carisma
E nos abala tão profundamente.
É que o mortal se julga mais sadio,
Quando não leva a Deus o desafio
De suspeitar que o verso sempre mente.

Eu atribuo à dor o tal fascínio

De se esconder o coração no escrínio
Do sentimento dúbio do porvir.
Caso eu tivesse mais vigor na rima,
Demonstraria aqui a minha estima,
Para fazer quem está sério rir.

O sofrimento amola e desconsola,
Mas que fazer se tal é nossa escola,
Dentro da lei de causa e consequência?!
Um dia, adentrarei em outra esfera
E, mesmo assim, eu vou dizer: — *Quisera...*
Pois o que pesa pesa na consciência.

P'ra te livrares desse sofrimento,
Deves dizer: — *O bem é que eu aumento,*
Nesta contagem séria que se faz.
Quem se aproveita apenas disto tudo,
Chegando aqui, está mais carrancudo,
Querendo todo o amor e toda a paz.

A tribo dos horrores já te envolve
E só falar em Deus não mais resolve:
Hipocrisia é coisa mui comum.
Alguém vai perguntar-te, sorrateiro:
— *Você nos pode dar um bem inteiro?* —
Sabendo que não portas bem nenhum.

Vamos rezar que nada disto valha,
Dando bom uso ao fio desta navalha,
Para cortar mui rente o nosso vício.
Vamos orar ao Pai que está no Céu,
Que nos afaste sempre do escarcéu,
Que esta poesia traga benefício.

Ao conhecer a lira que tangemos,
Vais preferir o peso dos teus remos,
Que esta tarefa é dura p'ra cachorro.
Se conseguimos um rimar perfeito,

Deixamos a carcaça lá no eito,
Gritando, esbaforida, por socorro.

Reza por mim, ó caro companheiro!
É neste verso triste que requeiro
A tua estima como compromisso.
Suplica ao Criador que me abençoe
E que este verso tosco me perdoe:
Hás de prestar-me teu melhor serviço.

32

VERSOS SEM FUTURO

Nas trevas exteriores já estive
E pude observar como se vive
Nas garras dos perversos e dos maus.
Se, agora, aqui estou a versejar,
É que respiro a paz deste lugar,
Refeito, por Jesus, daquele caos.

Mas a lembrança está sempre comigo,
Para evitar de novo esse perigo
De me considerar melhor em tudo.
Quando vivi uns tempos no Planeta,
Tornei-me astuto e vil, como um capeta;
Parti, depois, cruel, mendaz, sanhudo.

Para ficar um doce, como agora,
Eu tive de curtir a dor-senhora,
Até compreender quem era eu.
O sofrimento foi de tal maneira
Que não posso narrar, mesmo que queira,
Pois só irá entender quem já sofreu.

Agora, fazer versos é de agrado;
Nada para deixar angustiado
Quem teve tanto medo e tanta dor.

Se a rima não sai límpida, formosa,
Se quem tem mais talento ri e goza,
Eu nado nestas águas com amor.

É importante, claro, ofereçamos
Somente frutos bons em nossos ramos,
Que o mal aqui também será punido.
Mas tudo o que se faz recebe aviso
Da parte do instrutor, por ter juízo
P'ra prevenir a trova sem sentido.

Eu sei que sempre alguém há de dizer
Que o fazer versos, p'ra cumprir dever,
Não corresponde à ideia da poesia.
Então, que a boba rima fique manca,
Porém, é bom saber que não há tranca,
Para pôr fim às trovas deste dia.

O sentimento puro da igualdade
Somente nesta paz a alma invade,
Pois quem manda no etéreo não vacila
Em permitir ao povo que verseje,
Desde que a rima o bem e o amor enseje,
Tornando esta leitura mais tranquila.

Os versos que retumbam nas esferas
Poderão desfazer sutis quimeras,
Que, às vezes, o temor segura a alma.
Mas só a compreensão do amor do Pai
Por toda a eternidade sobressai,
Que o progresso se dá, se a fúria acalma.

O sentimento tem seu compromisso,
Quando se presta ao mundo algum serviço
Que dê ao coração muita alegria.
Aí, o descortino da doutrina
Ressaltará o que Jesus ensina,
Porquanto um bem maior ninguém faria.

Enquanto o bom amigo estiver lendo,
Embora julgue o verso mau, horrendo,
Vá fazendo umas trovas de antemão;
Corrija o sentimento desvairado,
Para manter a vida deste lado,
Equilibrando mente e coração.

Não é difícil de alcançar a rima,
Porque toda a maldade se sublima
E os bons amigos fazem sua parte.
Ninguém quer ver o médium fracassar,
Pois ocupar de vez este lugar
Vai exigir de nós alguma arte.

Por que fazer uns versos sem futuro?
Por que deixar o médium inseguro?
Não é melhor continuar na prosa?
Hão de sobrar uns poucos com sentido.
Se vão ser publicados, eu duvido;
Talvez para que sirvam só de glosa.

Modestamente, vou-me recolher,
Já que aqui vim cumprir o bom dever,
Sem muito jeito mas com muito esforço.
Tendo já lido versos bem melhores
E tendo feito outros bem piores,
Pelo colega de amanhã eu torço.

Não te parece que, ao sair das trevas,
Um sentimento triste ainda levas,
Por veres tanto seres lá jogados?
Vamos orar por eles nesta hora,
Que a lei do amor no verso mais vigora,
Ao irmos todos juntos, abraçados.

33

DE IMPROVISO

Estávamos contente co' o feriado,
Pois íamos folgar um dia inteiro.
Aí, veio este aviso: — *Vai ligeiro,*
Que o médium há de estar interessado.

Pensei na redação: — *Então, requeiro*
Um tempo, até que esteja preparado —,
Pois, ao levar notícias deste lado,
Sempre parece que se é o primeiro.

Assim, este soneto de improviso
Tem de provar que temos mais juízo,
P'ra não desanimar o bom leitor.

Como a paz deste povo transparece,
Transsubstanciaremos nossa prece,
Agradecendo o verso ao Criador.

Nosso escrevente insiste com a gente,
Sabendo controlar-se, felizmente,
Pois pega a rima devagar e certa.

O compromisso que nós dois firmamos
Preserva os frutos verdes nos seus ramos,
Para mantermos nossa via aberta.

Caso não dê p'ro verso, numa tarde,
Vamos pedir que sempre nos aguarde
Nesse outro dia, para a rude rima.
De afogadilho, o verso sai mais torto,
Ainda mais, se o sentimento é morto,
Que a inspiração a rima é quem sublima.

No outro dia, chegaremos cedo,
Para poder ditar, sem muito medo,
Que a imantação se venha a perturbar.
Caso o trabalho seja sério e rude,
Não há motivo p'ra que o tema mude:
Basta algum ponto do evangelho dar.

Se a nossa rima esteve por um fio,
Também nos vale o tom de desafio,
Com que se testa a farta inspiração.
Ao demonstrar aqui, junto a esta mesa,
As joias mais brilhantes da riqueza,
O verso não se farta: falta ação.

Brincadeiras à parte, o verso rola
E o caro médium sempre nos controla,
Ao exigir de nós severo trato.
Bate com os dedinhos insistentes
E julga os temas muito inconsistentes
E sente as rimas fora do contrato.

Sustenta que o improvisado é improdutivo:
Não é do Cristianismo Redivivo
Trazer aos encarnados tanta droga.
Supõe que a turma seja *da pesada*,
Que não se há de aproveitar mais nada,
Pois quem caiu no mar afunda e afoga.

Caso tenhamos cá um bom sucesso,
Que as rimas, num crescendo de progresso,
Se ajustam para o efeito da poesia,
Demonstraremos, ao sair do enrosco,
Que Jesus Cristo está também conosco,
Caso contrário, nada se faria.

Não lhe parece lógico o poema,
Nesta humildade trágica, suprema,
De quem se reconhece muito pobre?
Então, não fira o coração no espinho,
Embora seja o verso tão mesquinho,
Faça com que o temor do mal se dobre.

O protetor do médium não daria
Nenhuma chance a quem quisesse, um dia,
Vir perturbar o seu trabalho aqui.
Dizemos isso pleno de vaidade,
Porque nos acusar ninguém mais há-de,
P'ra não dar de raposa ou jabuti.

Vamo-nos recolher, que já é hora,
Porque a rima reflui e mais descora,
Quanto mais apressado for o verso.
Este é o exemplo típico da **Escola**,
Pois parece que a trova não decola,
Se o combustível não queimar, perverso.

Esteve muito tenso este escrevente,
No início do trabalho, quando a gente
Falou em *improviso* e em *folgar*.
Agora se consola com a rima,
Demonstrando que sempre teve estima,
Permanecendo atento, em seu lugar.

Senhor, fazei do verso a melhor prece:
Nossa alegria agora transparece,

No resultado do poema em festa.
Abençoi o povo entusiasmado,
Enviando um poeta bem dotado,
Para curar-lhe a dor que ainda resta.

34

HUMILDADE É PRECISO

Num só desejo, o autor e o caro médium
Se põem, para encontrar qual o remédio
P'ra traduzir o tema deste dia.
Confabulando sobre a melhor rima,
Vão demonstrando que já existe clima
Para um ditado cheio de alegria.

Após vencer os versos iniciais,
Abrem as portas para um algo mais,
Na vã vontade de fazer sucesso.
Para que o tema fique mais formoso,
Reproduzindo a rima o nosso gozo,
Teremos de mostrar um bom progresso.

Aí, a coisa pega de verdade,
Porque o desejo que noss'alma invade
Não vai bastar p'ro efeito da poesia.
Ao fazermos das tripas sentimento,
Iremos demonstrar que é sem talento
Que a trova muito simples se faria.

De qualquer forma, a sorte está lançada:
Se a nossa glosa redundar em nada,
Vamos sentir a força do trabalho.

O bom Jesus nos dá o ensinamento,
P'ra burilar as farpas do tormento,
Se o resultado for um verso falho.

Tal humildade é digna de elogio.
Falo por mim, pois acho que sorrio,
Ao ver compor-se o verso, finalmente.
Eu sei que o médium quer tudo perfeito,
Mas, no final, há de dizer: — *Aceito,*
Já que esta rima é tudo o que se sente.

A formosura cabe em pote velho,
Como me sabe a língua do ***Evangelho,***
Em seus meneios de argumentação.
Se Jesus Cristo disse... ou não disse,
Não poderei julgar seja tolice
As leis do amor, da paz e do perdão.

Se o nosso verso traduzir o amor,
Se transmitir a paz, pouca que for,
Em cacoetes de prosaica rima,
Será bem certo que o leitor amigo
Irá livrar-nos do sutil perigo
De nos negar perdão, que o bem intima.

Fica anotado o verso-compromisso,
Pois cá, no etéreo, sem prestar serviço,
Existem os que sofrem lá no Umbral.
Às vezes, uns peraltas aparecem,
Porém, citar Jesus sempre se esquecem,
Querendo apenas vir fazer o mal.

Oremos p'ra que sejam protegidos,
Que seus problemas sejam resolvidos,
Para que possam vir a progredir.
Se for possível dar-lhes uns conselhos,
Vamos mostrar que os males são parelhos,
Que todos brindaremos, no porvir.

Se o nosso bom leitor mais desconfia,
Pois sabe que o perverso aqui faria
Uns versos parecidos com os nossos,
Vamos botar na empada uma azeitona,
Porquanto um nobre agrado nos abona,
Desde que retiremos os caroços.

Daqui, a perfeição passou bem longe,
Que o hábito não faz poeta ou monge,
Conquanto o nosso terno esteja um brinco.
Promove o caro médium toda a métrica
E, quando a trova está p'ra lá de tétrica,
Capricha nas medidas, com afinco.

Adeus, que o dia agora está no fim,
Até com resultado não ruim,
Que as rimas sobejaram, sem desgosto.
No Centro, já estaremos reunidos,
Poetas, protetores e falidos,
Presentes, cada qual junto ao seu posto.

35

FÉ RACIOCINADA

O sentimento mais propício à vida,
Esteja encalacrado quanto for,
Há de ser sempre o casto e bom amor,
Pois só o puro amor ao bem convida.

Para chegar ao plano superior,
Terá o perdão de receber guarida
Da alma que estiver arrependida,
Imersa nos negrumes dessa dor.

E os males que causarmos, deprimentes,
Virão primeiro, no pesar das gentes,
Que querem ver-nos logo promovido.

Viver Jesus em todos os momentos
E pôr Kardec assim nos pensamentos
É compreender da vida o seu sentido.

Milagres não são fatos que acontecem:
São ilusões que as mentes favorecem,
Enquanto a fé for falsa e inconsciente.
Acreditar em Deus é ter certeza
De que a esperança está junto a esta mesa,

Partindo cá do etéreo, seriamente.

Já chega de saudade dos encantos
Que os magos e as fadas, com seus cantos,
Tornavam nosso mundo resplendente.
Existem os espíritos do etéreo,
Que trazem o seu canto muito sério,
Para fazer pensar a toda a gente.

Crianças são tratadas com ternura,
Pois o carinho o amor muito depura,
Na fase em que o pensar está mais dócil;
Adultos devem ver com próprios olhos,
Que o navegar termina nos escolhos,
Caso a vontade durma como um fóssil.

Eternamente, a vida se renova,
Que a Terra existe para ser a prova
De que o sofrer, um dia, terá fim.
E se acabar a vida, no Planeta,
Aí, não haverá quem se intrometa,
Para impedir a vida, mesmo assim.

É que as moradas são quase infinitas,
Vedando que se sintam muito aflitas
As almas que precisam da matéria.
No espaço sideral, existem terras
Para quem requer paz ou gera guerras,
Dependendo do grau da tal miséria.

O espaço que se põe à nossa vista
Não passa de um pozinho da conquista
Que a mente nos consegue revelar.
O que nós afirmamos tão seguros,
Há pouco, se escondia atrás dos muros,
Que a luz se vem fazendo devagar.

O tempo corre contra os argumentos:

Para formar, na mente, os pensamentos,
Havemos de vencer os preconceitos.
Se alguém do etéreo aqui nos revelasse
Que a fé não pode ser um simples passe,
Iríamos sustar os vis defeitos?

Não queira acreditar que o caro médium
Esteja a elaborar o falso assédio,
Dispondo as rimas, sem inspiração.
É mais difícil escrever os versos,
Com sentimentos rudes e perversos,
Do que mostrar as trovas como são.

A cada dia que se dita a rima,
O bom leitor medita e reanima,
Mostrando compreender o seu poeta.
A vida, assim, vai sendo decifrada,
Até que um dia já não resta nada,
Para tornar a trova mais completa.

Não sei se o dia hoje está valendo,
Se devo acrescentar algum adendo,
Para tornar o tema mais perfeito.
Caso estivesse ainda aí, na Terra,
Diria, declarando dura guerra:
— *Se querem lantejoulas, eu enfeito...*

Aqui o nosso espírito é de paz.
Se a rima não for boa, se refaz,
Enquanto o amigo espera pela gente.
O tempo se condensa ou se estica,
Conforme sua mente intensifica
Ou diminui a vibração que sente.

No fim, as nossas almas, numa prece,
Se lembram de que o bem que transparece
Resulta de um trabalho por amor.
Cansados, os amigos se despedem

E, antes que os poetas cá se enredem,
Solicitam a bênção ao Senhor.

36

ESTOU ATENTO

Temer a morte é próprio dos mortais.
No etéreo, se requer um pouco mais
De quem deve partir p'ra nova vida.
Os planos de reencarne são perfeitos,
Mas devem ser cumpridos os conceitos,
P'ra que não volte a Alma arrependida.

De que vale o conselho p'ros terrestres?
É para que bem saibam que seus mestres
Os trazem com frequência bem alertas.
Não há como mentir aos instrutores,
Na hora de enfrentar as rudes dores,
Por ter aos vícios portas sempre abertas.

Quem quer fazer melhores exercícios
Não poderá deixar quaisquer resquícios
Do mal que antigamente o deleitou.
Havemos de curtir uns desenganos.
É por isso que somos bem humanos:
Melhorará quem nos disser: — *Estou!*...

Se a alma estiver contaminada
Por males que a deixaram estagnada,
Em épocas remotas e de horrores,
Será possível que cometa crimes,

Antes de compreender como sublimes
As asperezas perenais das dores.

Um filho, ao matar a mãe e o pai,
Não sabe quanta dor enfrentar vai,
Quando entender toda a extensão da lei.
Jesus nos disse apenas para amar;
Com o Pai, insistiu p'ra perdoar.
Ninguém pode dizer: — *Isso eu não sei!*...

Os males que se fazem todo dia
Não caberiam em qualquer poesia,
Por mais macabra e triste possa ser.
Por isso, nós lembramos o tal crime,
Que só um grande amor salva e redime:
Na glória do Senhor, há tal poder.

Havemos de rezar por quem se esquece
De que o ódio se apaga com a prece
Que Jesus ensinou há dois mil anos.
Ponha você nas mãos alguma adaga
E veja se, com ela, alguém afaga:
Pois essa é a sensação dos desenganos.

Estremeci apenas ao lembrar
De estar do criminoso no lugar,
Tão longe está de mim tal tropelia.
Quisera que o amigo que me lê
Entenda quando falo com você,
Nestes trejeitos fracos de poesia.

Temer a morte é próprio dos mortais,
Se os sentimentos não se exercem mais,
Conforme o ensinamento de Jesus.
Os planos do reencarne são perfeitos.
Por que fazer dos vícios seus eleitos,
Se é das virtudes que nos vem a luz?!

Aqui, no etéreo, também nós sentimos
Quando não dão os pais aos filhos mimos,
Gerando só rancor e frustração.
É certo, então, que existirá cobrança,
Mas resta, em nossos corações, esp'rança
De ser a caridade a salvação.

Esteve a nossa rima, hoje, infausta,
Que a mente humana, às vezes, fica exausta
De tanto ver sofrer os companheiros.
Vamos rezar ao Pai com descortino,
Dizendo, em plena fé: — *O vosso ensino,*
Um dia, há de tornar-nos bons obreiros!

Ninguém nos queira mal por estes versos,
Por serem estes temas tão perversos
Que o sentimento afoga o nosso intento.
Não é o nosso intuito, dedo em riste,
Fazer com que o leitor se torne triste,
Mas que diga ao Senhor: — *Estou atento!*

37

CONTRASTES

Translúcida, a manhã, imersa em calma,
Parti, trazendo amor no fundo d'alma,
Que a glória de rimar me faz sublime.
Fremia tanto a Terra, em desespero,
Que até senti a paz um exagero,
Que perdoar a dor pareceu crime.

O homem vai sofrer, naturalmente,
Porque não leva em conta que esta gente
Precisa progredir durante a vida.
O ódio leva tudo de roldão,
Fazendo com que o encarne seja vão
E a morte, simplesmente, apetecida.

Quisera ter domínio da virtude,
P'ra poder minorar este tom rude
E dar aos corações mais esperança.
Do jeito que descrevo esta visita,
Parece estar minh'alma tão aflita,
Que a paz será um bem que não se alcança.

É claro que a surpresa desanima,
Pois pus suavidade nesta rima
E vejo só a força da cobiça.

Sabia que este Mundo estava torto,
Porém, merecedor de algum conforto:
Com tanto desamor, o verso enguiça.

Eu posso orar por quem não tem poder
E a rima que fizer há de conter
O sentimento nobre do perdão.
Mas melhorar a vida só quem chora,
Porque a felicidade mais demora
P'ra quem cerrar a porta a essa emoção.

Soubessem quão pertinho está o mistério,
Tornavam o viver muito mais sério,
Que o desafio não logrará vitória.
O desperdício gera o compromisso
De retornar com muito mais serviço,
Que o mal não negará a moratória.

Existe tanta gente que trabalha,
Que a rude rima vai parecer falha,
Ao generalizar o mau conceito.
Porém, o sentimento transparente
Convida-me a pensar que o povo mente,
No *mea culpa* com que bate ao peito.

Peço perdão ao Pai, por minha vez,
Se estou, nestes maus versos, tão soez
Quanto os vis sentimentos acusados.
Vim trazer uma trova peregrina,
Porém, este poema se destina
A tornar os irmãos desanimados.

Peço perdão por ser tão desabrido,
A ponto de não dar qualquer sentido
À estrofe em que reclamo do meu povo.
Prometo vistoriar o meu estoque,
P'ra não trazer o mal preso em reboque,
Quando estiver a versejar de novo.

Jesus, mais do que eu, terá motivo
Para recriminar quem está vivo
E não percebe a glória de viver.
Eu vi tanta injustiça, cá no Mundo,
Mas nada que senti foi tão profundo
Quanto a cruz que cumpriu o mau dever.

Roguemos ao Senhor haja piedade
Para quem, infeliz, se persuade,
No término da vida, que falhou.
Se fez o que bem quis, o tempo todo,
Há de haver um momento em que o engodo
Vai fazer perguntar: — *O que hoje sou?*

É no instante supremo que Jesus
Coloca sobre nós do bem a luz,
Para que compreendamos a lição.
Se houver discernimento nesta alma,
Iremos respirar com muita calma,
Para que o versejar não seja vão.

Agora, a tarde morre tão suave
Que um verso sem pudor talvez agrave
O sentimento nobre do perdão.
Vou terminar em ondas de poesia,
Pedindo ao bom leitor mais harmonia,
Enchendo esta leitura de emoção.

Não posso me olvidar deste escrevente,
Pois nada que anotou foi diferente
Do que lhe pus no cérebro p'ra rima.
Está claro que, em versos de improviso,
Não há que se esperar muito juízo,
Mas não há de faltar a nossa estima.

METODOLOGIA POÉTICA

As cândidas vertigens dos poetas
Transformam-se em terríveis e completas
Vinditas, pelas rimas doloridas,
Apenas nossas trovas, cá no etéreo,
Começam a partir do cemitério,
Que é onde terminaram nossas vidas.

Assim, quando o mortal fica furioso,
Demonstra, na poesia, um certo gozo,
Que a arte dá a ele plenitude.
Nós outros, cá no etéreo, simplesmente,
Devemos dar ideia transparente
De como aquele mal gera virtude.

Por isso, o poetar só é poesia,
Ao transformar a dor em harmonia,
Levando o transeunte a meditar.
Quiséramos que a trova fosse bela,
Mas se só for assim o bem cancela:
Melhor é versejar mais devagar.

Falamos tantas vezes só dos versos;
Dissemos que se fazem vis, perversos,

Porque nosso trabalho é esta rima.
Quem vive é porque seu ar respira:
Faça com que a poesia aí se insira
E sinta que não muda o nosso clima.

Formosas, as palavras se aglomeram
E as almas dos mortais se desesperam,
No aguardo de uma rima benfazeja.
Então, o nosso tema desilude,
Pois sempre se requer que o mundo mude,
Pelas virtudes que o trabalho enseja.

Quando pedimos aos mortais uns versos,
Queremos na moral vê-los imersos,
Pensando como a vida se faz grande.
Não é para rimar, numa poesia,
Que isso, com traquejo, se faria:
É para que o progresso não desande.

Corremos grandes riscos na viagem:
Os versos só garantem a passagem
De um pouco deste amor aos companheiros.
A estima que se quer comprometida
Exige que se dê, por toda a vida,
Os bens que estipulamos por primeiros.

Assim, a fama está desarvorada,
Que o preço desta trova é quase nada:
Conceitos desconjuntos, rudes rimas.
Porém, o sentimento se reforça,
Que o bem não se perdeu, preso na morsa,
Que é como o coração demonstra estimas.

Serenamente, vamos trabalhando,
Dispondo as rimas fáceis até quando
Esteja um escrevente à nossa mão.
Promessa de trabalho ao infinito,
Pois sempre há quem ouça o débil grito

De quem quer expressar sua emoção.

Esteja disponível o leitor,
Pois não nos cansaremos de compor,
Que é como vemos tudo deste prisma.
Caso deixe a leitura aí de lado,
Será por ter deveras trabalhado,
Que o verso, nesse caso, não se abisma.

Aquele que verseja põe um fim
A todo sentimento vil, ruim,
Pois pensa em cada rima, em cada verso.
Aí, transfere tudo para a vida
E busca, para o mal, uma saída,
Pois, do contrário, sim, é ser perverso.

Se alguma estrofe lhe soou mais falsa,
É que nem sempre a rima se realça,
Adornada pelo amor e pelo bem.
Que fique o sentimento do perdão,
A coroar o lindo coração
De quem não viu o feio e triste trem.

Também Jesus passou por esta plaga,
Porém, quem viu os versos dessa saga,
Que se inscreveram lá nos *Evangelhos*?
É pena, porque são tão generosos,
Tão nobres os prazeres e os gozos,
Que os jovens que os leem se tornam velhos.

Não sintam só prazer com a leitura:
Torne a meditação melhor e pura,
Buscando compreender cada lição.
Quisera este poeta dar de si,
Para anotar a rima bem aqui,
Dizendo a cada um: — *Eis seu irmão!*

Fizemos estes versos na surdina

E pouco cá falamos da Doutrina,
Interessados mais em ter sucesso.
Não é o melhor conceito de poesia
E a nossa turma recomendaria
Que se buscasse ler sobre o decesso.

Existem tantos versos consagrados,
Tantos autores mais prestigiados,
Que se prender a nós é vitupério.
Sabemos que a virtude está no meio,
Então, por que ficar no que é tão feio,
Que não chega a servir p'ra refrigério?!

É claro que a modéstia é uma arte,
Mas não foi ela que ficou à parte,
No versejar paupérrimo da gente:
Foi a beleza, como bem supremo,
Porque, p'ra carregar o nosso remo,
Há que fazer esforço consciente.

Chegamos ao final que presumimos
Nem bom nem mau, pois tudo o que sentimos
Vamos passando da melhor maneira.
Quem reconhece que não tem talento
Não voltará, para ocupar o assento,
A menos que o leitor a nós requeira.

DAQUI A MIL ANOS

Nas trovas que componho, vejo um crime:
O de jamais tornar sutil, sublime
O sentimento d'alma que viceja.
Melodramáticas, as rimas dão
Certo desgosto bobo ao coração;
Raríssima esperança benfazeja.

O espiritista gosta que se anime
O coração, com verso que só rime
Dentro das leis do carma e do evangelho.
A redenção se põe no fim do drama,
Após provar o homem que mais ama,
Morrendo o sofrimento, por tão velho.

Quando enalteço, em versos, o mistério,
Dou-lhes um tom soturno-cemitério,
Que até o meu cadáver se arrepiá.
E tudo deve ser simples, bonito,
Como dizer que o Pai, lá no infinito,
Preserva a Criação, como poesia.

Perseverar no bem é o compromisso,
Como noss'alma há de manter o viço,
Se tudo dermos ao que mais precisa.

Por isso, o verso tem de ser formoso,
Para tornar sereno e puro o gozo
Do despertar do amor que realiza.

Notável o capricho que se estima,
No milenário desta rude rima,
Quando estivermos prontos e perfeitos.
Não é assim que espera o nobre amigo,
Distante já do risco ou do perigo
De ter os sons da trova insatisfeitos?!

Como será, então, o doce canto
Deste poeta, que será mais santo,
Pois regredir não cabe na existência?
Talvez a dor do povo esteja ausente,
Perdida já, no tempo, eternamente,
Ou compreendida pela consciência.

Aquilo que me traz tão envolvido
Não há de comportar nenhum: — *Duvido!* —,
Que a mente sentirá todo o esplendor
Do pensamento certo e vitorioso,
Pois a Verdade há de prover o gozo
Do sentimento eterno, em paz e amor.

A luta, agora, é trágica, é humana,
Que a carne nos ilude e nos engana,
Enquanto os vícios são prioritários.
O pelear na lei é desta esfera:
No Mundo, o mais que existe é triste espera,
Que os outros nos parecem só otários.

Aos poucos, bem aos poucos, vamos indo:
Os versos são tacanhos, um é lindo
E é esse que nos traz tanta alegria.
Os males nos transtornam e a delícia
De um momento sublime, sem malícia,
Nos dá a ideia do que o bem seria.

Não sente o amigo a falta antecipada
Do verso que se acaba, pois mais nada
Existe para além desta sextilha?
Pois, ore ao Senhor, com devoção,
Que as rimas benfazejas voltarão,
Porquanto a luz do amor nas almas brilha.

40

MODÉSTIA

O cortejo nas sombras favorece
A que todos se unam numa prece,
Sem destacar ninguém como o mais belo.
Pode surgir um gajo com mais voz,
Na escuridão, porém, reza por nós,
Formando, na corrente, simples elo.

O que vem fazer versos aparece
E, mesmo que apresente só uma prece,
Vai destacar-se como prima-dona.
Se for muito vaidoso, compromete,
Porque não há pintar aqui o sete,
Senão o bom leitor logo o abandona.

Por isso, como alho numa réstia,
Cada qual se unirá de tal modéstia
Que só irá fazer-se bem simpático.
Ao referir-se ao Pai e aos protetores,
Irá encher os corações de amores,
Sem precisar mostrar-se *performático*.

Eu digo porque sei quanto o poema
Exige que a virtude seja extrema,
Que um resultado bom é importante.

Assim, quanto melhor for nossa rima,
Mais a arte do verso se sublima
E o sucesso da trova se garante.

E como fica a tal modéstia nisso?
Há de ficar no justo compromisso
De haver ajuda para o pobre autor.
Depois do verso, existe mais consolo,
Porque ufanar-se é próprio só do tolo,
Que vê exagerado o seu valor.

Existem trovas muito superiores,
Para alegria imensa dos autores
Que se dedicam, com vigor, às rimas.
Mas, nem por isso, ficam satisfeitos:
São escolhidos mas não são eleitos,
Enquanto lhes faltarem as estimas.

Um dia, hão de partir p'ra outra esfera
E sentirão que houve só espera,
Enquanto versejavam a virtude,
Pois tudo o que se faz com muito amor,
Seja ajudar, sorrir, sofrer, compor,
Provocará que o mal mais se desnude.

Vamos pensar um pouco do outro lado,
Ou seja, o verso fica atrapalhado:
Não dá o sentido justo da Doutrina.
O médium quer jogá-lo já no fogo;
O mestre une as mãos em forte rogo;
A turma se reparte e desatina.

— *Eu quero...* — vai dizer quem fez a rima.
— *Não pode...* — e se espedaça o doce clima:
Desarmonia própria lá do Umbral.
Então, é bom chegar com o rascunho
E requerer a todos testemunho
De que se tem de renegar o mal.

Sorrir é bom para amainar o medo.
Original não é, mas arremedo
Do que sempre repete o caro mestre.
Isso é ser sábio até além da conta;
E lá vem ele, cujo dedo aponta
Como lição perfeita p'ro terrestre.

Às vezes, o poeta é bom de fato
E, sem fazer qualquer espalhafato,
Vai desfilando, em rimas, as virtudes.
Não faz esforço: é tudo natural.
Fala do amor, da dor e coisa e tal
E ainda ajunta: — *Aos vícios, não te grudes!*

Qual importância tem sua poesia,
Com aparência de ser muito fria,
Produto adulto de profissional?
Vai demonstrar apenas que está bem,
Que não deseja superar ninguém,
Que realiza o amor universal.

Não te admires mais com os poetas.
Vê estas trovas simples, incompletas,
Porque tudo há de ser melhor um dia.
Caso tu queiras versejar também,
As rimas não pertencem a ninguém:
Basta insistir, para fazer poesia.

Esta irmandade, então, te assistirá
E, certo dia, hás de dizer:— *Mas já?!*
Pois ontem mesmo eu era um burro xucro!
É que as palavras que compõem os versos,
Quando não têm sentidos mui perversos,
Na soma das virtudes, dão bom lucro.

Se estivesse Camões a versejar,
Rimaria esturjões com caviar

E ficaria a rir de quem reage,
Pensando em falcatrua ou mesmo em fraude,
Mas dessas rimas procurar debalde
Jamais iria nosso irmão Bocage.

O nobre amigo faça como queira,
Mas veja, nesta rima, brincadeira
De quem sustenta que o remédio é rir.
Atravancado na palavra, existe
Alguém que se contenta com alpiste:
O nosso caro médium Wladimir.

Um último esforcinho e logo vamos,
Pois pendem, bem maduras, destes ramos
As uvas, que se colhem neste posto.
Fica o conselho, então, bem registrado.
Cabe a você dizer se está salgado
Ou se o tempero está conforme ao gosto.

Jesus querido, dai-nos mais uns dias,
Para juntarmos nossas melodias,
Em torno do ideal da sã Doutrina.
Iremos estudar Espiritismo,
Para aflorar, do fundo deste abismo,
O bem, o amor, a luz e o mais que ensina.

41

TROVAS SOFRIDAS

Quando cheguei de volta p'ra poesia,
Pensando *ter entrado numa fria*,
Sustei o verso, p'ra pensar primeiro.
Foi quando muito bem eu compreendi
Que não importa o poetar daqui:
O leitor será sempre o bom parceiro.

Quem quiser ajudar a fazer rima
Bastará melhorar do bem o clima,
Em vibrações pacíficas de amor.
Aí, minhas palavras criam vida,
Que a saudade de um pobre suicida
Nem sempre um lindo verso há de compor.

Será que penei muito cá no etéreo?
Deverei revelar qual o mistério
Que devolveu a arte de rimar?
Não penso que haja dúvida do entrave;
Nem sempre a vida aqui me foi suave:
Cresci, mas foi bastante devagar.

Lá na Terra, os sensíveis morrem cedo
E os tolos dizem que não sentem medo,
Pois quem tem seu poder cá prevalece.
Eu sei que, com bondade, o bem se alcança,

Que a fé, a caridade e a esperança
O sentimento exalta, numa prece.

Mas quem deixou a vida porque quis
Não queira aqui chegar e ser feliz,
Mandando e desmandando no destino.
O que se deu de graça não é nosso;
Jamais vou repetir: — *Eu já não posso
Sofrer a dura perda do menino...*

Pensei que, se morresse e cá chegasse
Trazendo a morte dele, como um passe,
Iria resolver tudo com calma.
Fiquei bastante tempo sem mais vê-lo,
Julgando ser de Deus tal desmazelo,
Porque estava perfeita a minha alma.

Na Terra, deixei lágrimas e dor.
No Etéreo, nada achei de grão valor
A que me dedicasse com carinho.
Na escuridão das Trevas, me internei:
Rancores, ódios, tudo o que eu provei
Mostrava-me que errara de caminho.

Não gosto de lembrar do sofrimento;
Nem pense, meu amigo, que eu aumento,
Para deixá-lo impressionado e tonto.
Estou a minorar minha lembrança,
Porque sofrer de novo sempre cansa:
Pratique o bem, viva até cem e pronto!

Ninguém precisa concordar comigo.
Não há por que correr esse perigo
De se internar na dor por egoísmo.
Morreu aquele que se amava tanto:
Iremos derramar um justo pranto.
Não há que se jogar em fundo abismo.

Não sei se me entenderam quando disse
Que os versos necessitam da credence
Do bom leitor, que lhe dará o clima.
A minha vibração termina aqui,
No solfejar de amor em que senti
Que a trova todo o mal conta e sublima.

Agora, cabe ao médium me dizer
Se algo lhe devo, por cumprir dever
De cortesia pelo autor amigo.
Diz-me, bondoso, que não devo nada,
Estando a trova muito bem ditada,
E que também vibrou muito comigo.

Interpretei-lhe o sentimento d'alma,
Pois não tem pressa e diz que mais se acalma
Quanto mais devagar os versos vêm.
Não quer se intrometer na melodia,
Para sentir mais forte esta alegria
De receber do etéreo o mesmo bem.

Agindo assim, demonstra ter juízo.
Para ajudar no verso, era preciso
Que preparasse a rima de manhã.
Nalguns minutos, no findar da tarde,
O verso, no improvisado, mais se encarde
E a rima, então, seria um rataplã.

Amenizei bastante a dor do verso,
Porque também já não estou imerso
Naqueles sentimentos de impiedade.
Peço perdão a quem sofreu por mim,
Não tanto pela dor, por ser ruim
A trova, muito embora alguém se agrade.

Peguei de calça curta este meu médium,
Ao suspeitar ter terminado o assédio,
Enquanto o verso pululava a esmo.

Correu de novo para o seu teclado,
Pois não deseja me deixar de lado.
Não há que ver: ele é teimoso mesmo!

Até amanhã, que eu volto co'a poesia.
Enquanto aguardo o fim, alguém faria
A prece derradeira a Jesus Cristo?
Peça ao Mestre nos dê gentil abrigo
E torne um bom irmão cada inimigo,
Poder que o verso tem, quando benquisto.

42

REDENÇÃO

A realidade em volta deste autor
Convida a comentar, com paz e amor,
Os passos iniciais da nova vida.
Mas as pessoas que me ouvem pensam
Que foi muito especial do Pai a bênção,
Porque me deu, no verso, uma saída.

Pois muito sofro, ao fazer a rima,
Posto saber que a trova reanima,
Quando se chega ao fim e se estremece.
É que a verdade fere sempre a gente
Que não compreende, pura e simplesmente,
Que o bem resume a vida, numa prece.

Por mais que pense no melhor sentido,
Sempre haverá quem diga: — *Eu mais duvido,*
Se querem impingir-me o Espiritismo!...
Aí, o tema se consome n'alma
E toda a fúria se arrefece e acalma,
Para ajudar o irmão que está no abismo.

Seria bom que o povo me escutasse,
Para poder sair do triste impasse
De suspeitar do metro e da intenção.

Ao renovar o verso, a cada dia,
Preciso de inventar outra poesia,
Ou acusar as falhas logo irão.

Não me arrependo haver dado, de início,
A ideia de que vim do precipício,
Por ter tirado a vida, em desatino.
Arrependi-me disso, em hora certa,
E, agora que a consciência não me aperta,
Eu já encontrei de novo o meu menino.

É ele quem me ajuda com a rima,
Pois, se estivesse sem a sua estima,
Vagava ainda por Umbral ou Trevas.
O homem novo que surgiu em mim
Mora num templo lindo de marfim,
Por onde passam bens, em grandes levas.

Caso voltasse à vida, logo agora,
Enquanto esta memória inda vigora,
Iria desfrutar do amor supremo,
Pois sei que essa virtude é transcendente,
Que deve perdurar eternamente,
Na alma de quem fez o mal extremo.

O sofrimento, quando chega o dia,
Demonstra que melhor não se faria
Por quem mais desandou durante a vida.
O tolo vai perder as estribeiras,
Até que ouça alguém dizer: — *Não queiras
Descobrir para o mal outra saída!*

Meu filho, quando atende algum chamado,
Sabendo quanto estive magoado,
Procura persuadir quem se machuca
A confiar em Deus e em sua lei,
Porque ninguém se vai perder da grei,
Por mais esteja a alma assim maluca.

Quem está lendo a trova me perdoe,
Caso algum verso n'alma não lhe soe
Como evangélico, e não ser de agrado.
Se vivo agora em torre de marfim,
Não quer dizer que seja um querubim,
Que seja santo ou bem-aventurado.

Faça você os versos e a harmonia
E veja se também não sentiria
Esta felicidade lhe empolgar.
É que me encontro bem, junto ao meu filho,
E lhe sugiro agora este estribilho,
Caso se ponha aqui no meu lugar.

Agradecer ao Pai, de coração,
Os que são mais felizes sempre vão,
Que é fácil, quando tudo nos dá certo.
Eu quero ouvir a prece mais formosa,
Na voz de quem padece pela glosa,
Sofrendo toda a dor, de peito aberto.

Aí, o mérito será maior,
A demonstrar que alguém sabe de cor
Quais são as leis do Pai para o Universo.
Se traduzir o sentimento d'alma,
Inda haverá de conseguir a palma
De nos trazer para a emoção do verso.

Um longo suspirar e me despeço,
Que a inspiração findou e meu sucesso
Depende destas rimas bem montadas.
Se desarmarem minhas estruturas,
Vão ver ideias soltas, inseguras.
Estrelas não nos servem, se apagadas.

Senhor, aceita a prece do poeta
Sabendo, embora, não estar completa

A obra benemérita do amor.
Se perdoares quem não tem poder,
Cumprindo — como sabe — o bom dever,
Um dia, um lindo verso hei de compor.

Aí, ofertarei um ramalhete
De estrofes, escrevendo, num bilhete,
Que aceito a vida como a vida é,
Agradecendo ao Pai a minha dor,
Pois, seja rude e forte quanto for,
Irá fazer valer a minha fé.

43

VERSOS DE AMOR

As sombras que se estendem, no caminho,
Vão dispersar-se, ao toque de carinho
De quem nos ama e sabe respeitar.
Quando vivo, jamais reconheci
Que tudo o que fizesse por aí
Iria refletir neste lugar.

O homem que fraqueja nessa vida,
Sem perceber que existe outra saída,
Se desespera e urra inutilmente.
Se está trancado em vil egocentrismo,
Vai despencar de vez no negro abismo,
Que a Morte irá espreitá-lo, ali na frente.

Se o caro amigo está agoniado,
Não deixe esta poesia aí de lado
E leia os pobres versos com prazer,
Pensando que os fizemos com carinho,
Para espantar as sombras do caminho:
Jamais é tarde para o bem-querer.

A estima representa, algumas vezes,
A salvação dos atos mais soezes,
Dos atentados contra a própria vida.

Se me tivessem dado a conhecer
A força desse amor e seu poder,
Jamais me tornaria suicida.

Pretendo, em tempo, pois, persuadir
Quem pensa dominar o seu porvir,
Ao dar cabo da vida, por caprichos,
Que a luta que se enfrenta, aí na terra,
Um décimo de dores não encerra
Daquelas que, no etéreo, nos faz bichos.

Preciso repensar todos os versos,
Eliminando aqueles mais perversos,
Que possam dar ideia de que minto?
Ou vou deixar do jeito que se deram,
Porque não são as rimas que se esperam,
Porém os sofrimentos que lhes pinto?

Os versos que hoje faço são de amores;
Não podem dar ideia das tais dores
Que nos transtornam, quando lá no Umbral.
Os meus conselhos, qualquer um daria:
Não é preciso a forma da poesia,
Para saber que a dor provém do mal.

As sensações que trouxe da matéria
Exemplificam quanto a vida é séria,
Para os efeitos cármicos das leis.
Quem já cortou a vida, estando jovem,
Já sabe, não precisa que lhe provem
Que vai ter de passar por outras seis.

Ou mais, pois esse número é da rima,
Que sempre torna fácil e sublima
O entendimento que se quer passar.
Se tudo o que já disse não lhe importa,
Espere para ver, depois de morta
A esperança de vir para gozar.

Não quero lhe lançar um mau agouro,
Mas, se não reunir o bom tesouro
Dos mandamentos que Jesus nos deu,
Irá o bom amigo lamentar-se,
Por não ter conseguido que a catarse
Lhe desse um lugarzinho lá no Céu.

O que fazer diante da falência
Dos sonhos que levavam a inocência
Aos píncaros augustos do viver?
Uns versos, simplesmente, caro amigo,
Porque não há dizer: — *Sou eu quem brigo,*
Pois sobre mim ninguém terá poder!...

Brincar relaxa um pouco essa agonia,
Pois Deus não fez o Mundo num só dia,
Se é que isso serve de consolo.
Quem pensa só em si não tem sossego
E acaba por dizer: — *Com quem me achego,*
Se em todos só dei coice, burro e tolo!...

Garanto que o amigo me compreende
E, se persiste o mal que ainda lhe prende
A alma, numa cela de egoísmo,
Reze um pai-nosso, mesmo com desprezo,
Para saber se existe o forte peso
Do pensamento desse cataclismo.

— *Vou prosseguir, na vida, mais um pouco* —
Há de dizer o amigo. — *Não sou louco*
De ver as coisas todas pelo avesso.
E eu reconheço, nessa decisão,
Que o resto dessa vida é só missão,
Que até o que vim fazer eu já me esqueço.

Está na hora, pois, de ir-me embora,
Que a lei do amor, que por aqui vigora,

Há de determinar que haja descanso.
Quem cumpre o seu dever merece estar
Em paz, para sentir, bem devagar,
Se houve ou se não houve algum avanço.

Senhor, se queres que as pessoas vençam,
Projeta sobre todos tua bênção
E torna suportável cada cruz.
Se a carga for mais fácil e mais leve,
Podemos prever que, dentro em breve,
Trabalharemos juntos de Jesus.

REENCARNAÇÃO É JUSTIÇA

A luz se estende sobre todos nós,
Sem ser preciso que se eleve a voz,
Que Deus é pai de amor e de bondade.
Mandou Jesus, para que desse o exemplo,
E iluminou, no coração, um templo
A quem fizesse o bem, por caridade.

Sendo mortal, o homem estremece,
Por isso mesmo eleva ao Pai a prece
Que lhe foi dada, um dia, por Jesus.
E roga aflito, quando sente dor,
Já não sabendo em verso mais compor,
Ao perceber o peso dessa cruz.

Estava, um dia, este poeta triste,
Pois para todos essa dor existe,
E quis fazer um verso sobre isso.
Não conseguiu, e o Pai lhe disse assim:
*— Nada, no Mundo, existe tão ruim
Que não se esqueça, ao se prestar serviço!*

No fundo d'alma, bem reconheci
Que tudo o que há de mau nasceu aqui,
Que o Pai nos deu o arbítrio da vontade.

Se existem miseráveis pelo Mundo,
Não pense, caro amigo, um só segundo,
Que o nosso Criador disso se agrade.

Vamos lutar p'ra melhorar a vida.
Não é difícil ver uma saída,
Na prática do amor e da virtude.
A recompensa, um dia, há de surgir,
Se existir a esperança de um porvir
Em que o mais pobre encontre quem lhe ajude.

São tantas nossas vidas na existência,
Que, se hoje somos ricos em paciência,
Será porque já repetimos várias.
Se nos sentirmos, pois, com ar de velhos,
Vamos dar curso às leis dos **Evangelhos**,
E proteger os que se tornem párias.

Caso esse bem deixemos sem fazer,
Noutra jornada, poderemos ser
O miserável pária desprezado.
Nós rogaremos, tristes, por ajuda,
Mas, como não mudamos, ninguém muda...
E o Mundo dando voltas mais tisonado...

Se a vida fosse única, na Terra,
Todo ideal co'a morte já se encerra:
Por que dar importância ao semelhante?
Mas, se pensarmos quanto Deus é justo,
Vamos prever do mal o grande custo:
É isso o que Jesus diz e garante.

Voltamos ao Senhor de todos nós,
Aquele que elevou ao Pai a voz,
Pedindo perdoasse a toda a gente.
Mas, hoje em dia, existe quem se diga
Ignorante, quando ao mal não liga,
Embora leia o verso facilmente?

Resta saber se existe a tal consciência
Que determina agir na obediência
Dos tópicos da Lei e da Doutrina.
Caso esqueçamos deste espiritismo,
Iremos nós checar, no fundo abismo,
O que é que a dor suprema nos ensina.

Não pense, caro amigo, que a dor passe,
Que o Pai se sinta em divinal impasse,
Por ter criado um ser tão tosco e rude.
Cabe a nós outros dominar a lei,
Pois não existe assinalar: — *Não sei
Qual há de ser o prisma da virtude!...*

Nós não viemos só por ironia,
Que coisa assim o Pai jamais faria,
Em sua excelsitude divinal.
Esta existência tem um bem em mira
Que, p'ra entender, precisa que se inquiria
Por que nos interessa tanto o mal.

Vamos rezar um simples padre-nosso.
Que ninguém diga: — *Isso eu já não posso,
Por ser contrário ao meu princípio ativo.*
Então, paciência!, eu rezo por você,
Que este trabalho é fácil p'ra quem crê
No Cristianismo hoje redivivo.

Não sinta medo por estar de fora:
O bem do amor é lei que ainda vigora
P'ro renegado que cuspiu no pão.
Caso se lembre, amigo, de Jesus,
Desfigurado e pálido na cruz,
Irá saber a força do perdão.

45

ORAR E SERVIR

A história se repete, muitas vezes,
E como duvidar sejam soezes,
Eternamente, os atos dos mortais?
Aqui na Terra, a busca degenera,
Mas, todo dia, adentram noutra esfera
Os seres que se adiantam algo mais.

As almas se renovam na maldade,
Mas sempre existe aquele que se evade
Do campo dos horrores conscienciais.
É que fazer o bem é a lei vigente
Para quem desejar seguir em frente,
Já tendo assimilado os dons morais.

Chegada a hora, vamos progredir,
Pois, para todos, há um bom porvir,
Noutras paragens de felicidade.
Os que ficarem contarão conosco
Para tirá-los deste triste enrosco,
Embora o fato muito os desagrade.

É divertido caçoar do povo,
Ao retornar à Terra, pois, de novo,

Tem de aprender, na dor, sua lição.
Mas, quando alguém se torna um dos eleitos,
Provoca tais rancores e despeitos,
Que quer ficar aqui, por compaixão.

As Trevas mais se agitam, nessa hora,
Que a lei da traição aí vigora,
Terrível sentimento de impiedade.
Mas, que fazer, se cabe a cada qual
Reconhecer que existem bem e mal,
Segundo a vibração que a alma invade?!...

A prece dá conforto permanente
A quem está do amor bem consciente,
Sem alcançar, porém, prestar ajuda.
Se dependesse do melhor o Mundo,
Transformaria tudo, num segundo;
Mas não depende, assim, jamais se iluda.

Cabe a você cuidar do desempenho,
Sem perguntar, franzindo o rude cenho:
— *Que tenho eu de ver com toda a gente?*
Vá trabalhando, da melhor maneira,
E faça o bem até a quem não queira:
Não é assim que o coração pressente?

— *Se Deus quiser!* — é frase que se diz,
Para fazer alguém muito feliz,
No empreendimento a que se dá valor.
Essa expressão, porém, perde o sentido,
Quando se pensa, ao se dizer: — *Duvido*
Que a Providência esteja ao seu dispor!...

Trago comigo a força dos meus versos,
Para mostrar que estão muito dispersos
Os homens, pelos campos da moral.
Enquanto alguns se encontram trabalhando,
Outros querem estar só no comando:

Há quem pratique o bem; muitos, o mal.

Quando Jesus nos veio resgatar,
Quis conhecer o peso do lugar,
Segundo a vibração da nossa esfera.
Depois subiu de novo para o Céu,
Sem ter deixado o povo aqui ao léu:
Ao dar-nos o evangelho, amor espera.

Tal inquietude eu vim p'ra despertar,
Porque bem sei estar mui devagar
O proceder mais justo e mais honesto.
Mas quem quiser deixar para depois,
Vamos fazer um trato entre nós dois,
Num perguntar sutil: — *Será que eu presto?...*

A violência, às vezes, justifica,
Porque a pessoa, quando fica rica,
Vai melindrar-se apenas com um verso.
Aí, Jesus aponta o dedo em riste
E diz: — *Jerusalém já não existe,*
Para este povo que se fez perverso!...

Os vendilhões fartavam-se no templo
E Jesus Cristo, para dar exemplo,
Os açoitou, com lágrimas nos olhos.
Os nossos versos querem imitar
Suas palavras, cá no limiar
Do enfrentamento triste dos escolhos.

Então, não aja como se perdido
O Paraíso, mas me dê ouvido,
Pois ser feliz é tudo o que pretendo.
Mas, como sofre o meu irmão leitor,
Eu não virei aqui para compor
Algo que possa parecer-lhe horrendo.

Vim despertá-lo. É tudo o que queria,

No objetivo desta má poesia,
Para levá-lo a comungar comigo
De todo o bem possível, cá na Terra,
Que é dar ao Pai o amor que tudo encerra,
Para tornar o próximo um amigo.

Já comprovei que a história se repete.
Não queira, agora, vir *pintar o sete*,
Sem atender as leis universais.
Ria co'a gente, caso isso lhe agrade,
Mas não se esqueça que é com caridade
Que hão de se salvar os bons mortais.